

OS ARQUIVOS PERDIDOS

OS ESQUECIDOS



PITTACUS LORE

AUTOR DO BEST-SELLER EU SOU O NÚMERO QUATRO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Net](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



PITTACUS LORE

OS ARQUIVOS PERDIDOS:
OS ESQUECIDOS

OS LEGADOS  DE LORIEN

TRADUÇÃO DE MARIANA SERPA VOLLMER





CAPÍTULO

UM

Meus olhos se abrem de repente, mas não vejo nada. Somente escuridão. Sinto os pulmões fracos e pesados, como se estivessem revestidos por uma espessa camada de fuligem. Quando tusso, levanto uma nuvem de poeira a meu redor, o que me faz tossir ainda mais, até quase expelir um pulmão. Minha cabeça está latejando, imóvel e confusa. Sinto os braços presos junto ao corpo.

Onde estou?

À medida que a poeira baixa, enfim a tosse cessa, e as lembranças começam a voltar.

Novo México. Dulce. Um momento — aquilo aconteceu mesmo?

Quero acreditar que tudo não passou de um sonho. Mas agora sei o bastante para perceber que não existe essa coisa de *foi só um sonho*. E o que aconteceu não foi sonho algum. Fui eu quem trouxe este lugar abaixo. Sem sequer saber como, me apossei do poder que Um havia transferido para mim e fiz desabar uma base do governo inteira.

Da próxima vez que inventar um truque desse tipo, vou esperar até *não estar mais* no local para destruir tudo. Na hora pareceu uma boa ideia. Acho que ainda preciso aprender algumas coisas sobre ter um Legado.

Agora, tudo à minha volta está em silêncio. Vou considerar isso um bom sinal. Significa que não há mais ninguém tentando me matar. E que estão todos tão enterrados como eu ou mortos. Por enquanto, estou sozinho. Um está morta. Malcolm e Sam se foram — provavelmente pensam que morri também. Quanto à minha família, eles prefeririam que eu *estivesse* mesmo morto.

Ninguém jamais ficaria sabendo se eu entregasse os pontos agora mesmo, e parte de mim deseja fazer isso. Eu me esforcei tanto. Já não basta ter chegado até aqui?

Seria bem mais fácil desistir e ficar soterrado. Esquecido.

Se Um ainda estivesse aqui, jogaria os cabelos, impaciente, e me diria para sair dessa, para cair na real; que ainda não concluí sequer a metade do trabalho que ela me deixou e que tenho coisas mais importantes com que me preocupar além de mim mesmo. Ela me lembraria de que não é apenas minha vida que está em jogo.

Mas Um não está mais aqui, e por isso tenho que dizer tudo isso a mim mesmo.

Estou vivo. Por si só, já é algo surpreendente. Detonei os explosivos no

arsenal sabendo que poderia muito bem ser a última coisa que faria. Fiz tudo aquilo para que Malcolm Goode, o homem que comecei a ver como um pai, pudesse fugir com seu verdadeiro filho, Sam. Imaginei que, se os dois conseguissem escapar, pelo menos eu morreria fazendo algo de bom.

Mas não morri. Pelo menos por enquanto. E imagino que, se ainda estou vivo, apesar de tudo, deve haver uma razão para isso. Ainda há algo que preciso fazer.

Então, tento acalmar meu coração acelerado, respirar devagar e avaliar a situação. Estou de fato soterrado. Mas ainda tem ar aqui, e consigo mover a cabeça, os ombros e até um pouco dos braços. Bom. Minha respiração levanta mais poeira, o que ajuda a saber em que direção fica a superfície, além de uma luzinha que entra por algum lugar. E, se há algum resquício de luz, significa que não devo estar enterrado muito fundo.

Como já disse, não tenho muito espaço para mexer os braços, mas, mesmo assim, faço um esforço, tentando empurrar as pedras quebradas e o concreto sob o qual estou preso. Não adianta nada, é claro. Não sou um nascido artificialmente com força geneticamente intensificada, muito menos um poço de vigor como meu irmão adotivo, Ivan. Sou alto, mas magro e com o corpo de um humano comum, e tenho apenas um pouco mais de habilidade física. E duvido que mesmo um nascido artificialmente em excelentes condições físicas seria capaz de abrir seu caminho para fora daqui. De forma alguma *eu* teria a menor chance.

Então, o rosto de Um me vem à mente mais uma vez — seu jeito irônico e afetuoso de revirar de olhos, o modo como me encarava, como quem diz *Sério? É só isso que você pode fazer?* —, e algo me ocorre. *Não* é só o que posso fazer. Não mais. Posso não ter força, mas tenho *poder*.

Eu me concentro nas pedras à minha volta e sei que, com meu Legado — o Legado que Um me deu —, posso afastar todos esses escombros. Fecho os olhos e me concentro, visualizo o cascalho tremendo e se rachando, se distanciando de mim até que eu esteja livre.

Nada acontece. Nada se move. *Mexam-se, droga*, penso, e então percebo que de fato eu disse essas palavras em voz alta sem querer. De qualquer modo, as pedras não prestaram a menor atenção.

Subitamente, sinto raiva. Em primeiro lugar, raiva de mim mesmo: por ser tão burro, por ser tão fraco, por não ter sido capaz de dominar o dom que Um me concedeu. Por acabar me metendo neste lugar.

Porém, a culpa não é minha. Eu estava apenas tentando fazer a coisa certa. Não é de mim mesmo que devo sentir raiva, mas de meu povo — os mogadorianos, que me deixaram nesta situação. Os mogadorianos, que idolatram

a força bruta e encaram a guerra como um estilo de vida.

Logo sinto a ira percorrer meu corpo. Nada em minha vida jamais foi justo. Nunca tive uma chance sequer. Penso em Ivan, que já foi meu melhor amigo. Crescemos juntos e, então, ele me traiu. Tentou me matar — mais de uma vez.

Penso em meu pai, que não hesitou em deixar cientistas mogadorianos fazerem experiências comigo, usando máquinas que jamais haviam sido testadas e que quase fritaram meu cérebro. Para ele, não era nada de mais sacrificar o próprio filho *pela causa*.

E que causa era essa? Gerar mais destruição, matar mais pessoas e obter mais poder. Mas poder sobre o quê? Quando conquistamos Lorien, deixamos para trás a carcaça de um planeta destruído e sem vida. Não restou nada em Lorien para ser governado. Era isso o que iríamos fazer com a Terra também?

Para indivíduos como meu pai, a questão não é essa. O importante é a guerra. O importante é ganhar. Para ele, eu era apenas mais uma arma em potencial, para ser usada e descartada. É só isso que as pessoas significam para ele.

Quanto mais penso nisso, mais sinto minha cabeça queimar de raiva. Odeio meu pai. Odeio Ivan. Odeio Setrákus Ra e *O Bom Livro*, por ensinarem a todos que essa é a forma correta de viver. Odeio todos eles.

Meus dedos das mãos e dos pés começam a formigar. Sinto as pedras a meu redor começarem a tremer. Estou conseguindo. Meu Legado está funcionando. Você pode deixar que sua raiva o destrua ou pode usá-la a seu favor. Fecho os olhos mais uma vez, cerro os punhos e grito o mais alto que consigo, liberando minha fúria em uma grande explosão. E, com um baque estrondoso, a poeira, as pedras e o cascalho começam a desmoronar. Meu corpo inteiro treme, e o chão também. Em pouco tempo, tudo desliza, e estou livre de novo. Parece que uma pá gigantesca me puxa para fora.

Mas há alguém que não tem a mesma sorte. A pouco menos de três metros de distância, vejo um soldado mogadoriano, preso sob o que parecem ser partes do batente de uma porta de metal destrocada.

Ele geme e se mexe, agora que o peso foi retirado.

Está tão vivo quanto eu. Que ótimo!

CAPÍTULO

DOIS

Fico de pé, um pouco cambaleante. Meu corpo inteiro dói, como se tivesse sido esmagado em um torno gigante, mas acho que não há nada quebrado. Estou coberto de sujeira, poeira, suor e, sim, um pouco de sangue, mas não muito. De alguma forma, consegui evitar ferimentos graves. Não sei como e, no fundo, não me importo.

O outro mogadoriano não teve tanta sorte. Enquanto me levanto, ele solta um gemido baixo, mas não se mexe nem olha para mim. Está tão machucado que mal parece perceber que não está mais soterrado. Acho que sequer nota minha presença.

Deve ter levado uma pancada muito forte, pois não parece o tipo de sujeito fácil de derrubar. É tão grande quanto Ivan e tem o porte de um *linebacker* profissional, o pescoço grosso e os músculos proeminentes, mas daqui já posso ver que não é um mogadoriano nascido artificialmente — suas feições são muito proporcionais e uniformes para que ele seja um dos guerreiros geneticamente modificados que compõem a maior parte do exército mogadoriano.

Esse aqui é um natural, como eu. Como meu pai. Pela tatuagem na cabeça, deduzo que seja um oficial, não um recruta. Faz sentido. Os nascidos artificialmente são concebidos para ser buchas de canhão, enquanto os naturais dão as ordens. Talvez seja por isso que não me lembro de vê-lo quando estava contendo as tropas. Ao contrário de Ivan, que veio atrás de mim e acabou morto, esse cara devia estar comandando pela retaguarda.

Sinto uma pontada de nojo ao pensar nisso. Um bom comandante lidera dando o exemplo, e não se escondendo covardemente atrás de seus homens. Não que tenha adiantado alguma coisa para ele. De qualquer forma, nada disso importa muito. Preciso descobrir o que fazer com ele.

Primeiro, o mais importante: verifico se está armado. Ele solta uns resmungos enquanto o revisto e pisca várias vezes, mas não oferece resistência. Não encontro nada que preste — se tinha uma arma, já se foi há muito tempo, tampouco parece portar uma faca. Não acho sequer uma bala de menta em seus bolsos. O que, aliás, a julgar pelo bafo pútrido que ele expele em arquejos, seria mais útil a ele do que uma arma neste momento.

A única coisa que não posso deixar de notar é o sangue. O cara está praticamente banhado de sangue. Escorre por baixo da poeira e da sujeira que cobrem sua pele pálida, manchando as roupas rasgadas que ele ainda está

vestindo. Não vejo nenhum grande ferimento, mas não resta dúvida de que ele está acabado.

Quando me convenço de que ele não vai ficar de pé em um pulo e me derrubar no instante em que eu virar as costas, olho ao redor e tento me orientar. A maior parte da base de Dulce foi construída no subsolo, para não atrair olhares curiosos, mas acho que minha pequena façanha mudou tudo. Estou sobre uma cratera gigantesca de pelo menos trinta metros de profundidade, com um límpido céu azul sobre mim. O único problema é que estou pelo menos uns seis metros abaixo de onde terminam as pedras e começa o céu.

Há destroços por toda parte — pedras, cimento e pilares caídos, computadores e equipamentos destruídos, com fios desencapados que, perigosamente, soltam faíscas. Quando sinto o odor familiar de gasolina, percebo que estou basicamente no meio de um imenso barril de pólvora. Este lugar pode começar a pegar fogo a qualquer instante. É quase um milagre ainda não ter ocorrido mais nenhuma explosão.

Preciso sair logo daqui. Por sorte, apesar de estarmos muito abaixo do solo, há tantos escombros empilhados que me dou conta de que não será tão difícil escalar até a superfície.

Escolho o caminho que parece mais fácil e começo a subida. Então, paro. Olho para trás, para o sujeito caído lá no chão — o mogadoriano que ainda não fez outra coisa além de gemer.

Eu poderia deixá-lo aqui para morrer sozinho. Tenho que me preocupar comigo mesmo; além do mais, quanto mais mogadorianos mortos, melhor. Mas algo me impede.

Não é que eu esteja só querendo ser legal. É tarde demais para começar a ter escrúpulos. Afinal de contas, já matei vários mogadorianos desde que tudo começou.

Por um instante me pergunto se meu pai sequer imaginou que eu seria capaz de matar. Imagino se saber disso o deixaria com pelo menos uma pontinha de orgulho.

É claro que deixar meu pai orgulhoso é minha última preocupação neste momento. Mas não é por isso que decido voltar. Na verdade, é porque sei que um oficial mogadoriano, sozinho e desarmado, pode ser muito mais útil vivo do que morto. Em primeiro lugar, se ele estava baseado aqui, deve saber circular pelos arredores e pelas cidades vizinhas. Bem no meio do deserto, sem ao menos uma bússola para me guiar, esses detalhes são importantes para eu sair vivo daqui.

Então volto ao sujeito, agarro-o por baixo de seus braços e começo a trazê-lo comigo.

O cara é muito pesado, e uso toda a minha força para arrastá-lo pela pilha íngreme de sucata e pedras, abrindo caminho pelas ruínas da base em direção à beira da grande cratera. Agora o sol está a pino, e estamos totalmente expostos a ele. Sinto uma gota de suor se formar em minha testa e escorrer por meu rosto e, então, antes que eu perceba, estou completamente encharcado. Tento abrir caminho, chutando para o lado monitores empoeirados, tubos de alumínio esmagados e o que mais estiver na frente.

Nada disso adianta muito. Em questão de minutos, sinto os braços moles, as pernas doloridas, e minhas costas estão me matando. Não chegamos nem à metade do caminho. Isso não vai funcionar. Por fim, quando largo o mogadoriano no chão para recuperar o fôlego, ele se mexe.

— Ei — digo. — Você está me ouvindo?

— Uhhhrm — ele responde.

Bem, não ajudou muito, mas é melhor do que nada, acho.

— Escute — insisto. — Temos que dar o fora daqui. Consegue andar?

Ele olha para cima com cuidado, franzindo as sobrancelhas grossas, e eu posso adivinhar o motivo. Está tentando descobrir quem sou e o que faço aqui. Estou coberto de fuligem, então ele decerto não reparou que não tenho na cabeça a tatuagem que denota minha posição na hierarquia mogadoriana. Ele me encara, confuso.

Não tenho tempo a perder com seu estado confuso nem posso esperar que volte ao normal — se é que algum dia vai se recuperar. Precisamos sair daqui *agora*. Não faço a menor ideia se há outros sobreviventes em algum outro local da base ou se reforços estão a caminho. Além do mais, este lugar deve começar a pegar fogo a qualquer momento. Isso se eu não morrer de sede antes.

Tento uma tática diferente. Falo com ele em nossa língua mogadoriana, usada praticamente apenas para fins cerimoniais. Cito *O Bom Livro*.

— *Força é sagrada* — digo. É um dos dogmas mais importantes na sociedade mogadoriana. Seus olhos entram em foco. — De pé, soldado! — ordeno ríspidamente.

Quase não me surpreendo quando o truque funciona e ele se apoia bem devagar em um joelho e se levanta. Típico mogadoriano — não há nada a que meu povo responda com mais entusiasmo do que a autoridade vazia. Ele cambaleia um pouco quando fica de pé. Está pálido. Seu braço esquerdo pende de um jeito estranho e suor escorre em sua testa e acima do lábio superior, mas ele está de pé. Por enquanto.

— Vamos — ordeno, apontando para a abertura acima de nós. — Marche.

Sem dizer uma palavra, ele passa desajeitado por mim.

Eu o sigo, percebendo que meu estado não é muito melhor que o dele.

Enquanto escalamos o amontoado de cascalhos, eu me pego pensando em Sam e Malcolm. Espero que tenham conseguido sair daqui em segurança. Meu celular foi esmagado quando demoli a base, então não posso ligar para Malcolm para descobrir o que aconteceu, combinar um lugar para nos encontrarmos ou ao menos pedir ajuda. A única coisa que posso fazer é manter as esperanças.

Parece que horas se passaram quando enfim chegamos à beira da base destruída. Mas o sol ainda está alto, portanto não deve ter sido tanto tempo assim. Até agora, nada do que eu temia aconteceu: nenhum incêndio ou explosão, nem sinal de mogadorianos voltando para escavar os escombros.

O buraco é mais profundo do que parecia. Olho para cima e vejo exatamente o quanto ainda temos que subir para sair daqui. Por sorte, há tanta tranqueira empilhada ao redor da borda que conseguiremos encontrar um caminho até o topo. Mas não será fácil.

Será que alguma coisa é fácil?

Estou ensopado de suor e praticamente ofegante quando chegamos à encosta do barranco, usando como apoio vigas tombadas, blocos de cimento proeminentes e tudo o mais que encontramos. Meu novo melhor amigo enfrenta a dor, os olhos negros vidrados e perdidos, mas está conseguindo. Sinto vergonha em perceber que mesmo nesse estado ele ainda é, no mínimo, tão forte quanto eu.

Presumo que ele tenha levado uma pancada na cabeça durante a explosão. A boa notícia é que isso o tornou calmo e dócil — quando digo para fazer algo, ele faz. A má notícia é que ele não tem a menor ideia do que está fazendo. Preciso do sujeito vivo, por isso tenho que ficar bem atento o tempo inteiro, caso ele cometa alguma estupidez.

— Como você se chama? — pergunto, quando recupero o fôlego. É melhor saber com quem estou lidando.

— Rexus Saturnus — responde, após um minuto. O nome é vagamente familiar. Ele não parece muito mais velho que eu, e me pergunto se já não o vi quando morava com meus pais e minha irmã. Afinal de contas, Ashwood é a maior comunidade mogadoriana da Terra, então há uma boa chance de ele ter crescido por lá também. Mesmo que seja um pouco mais velho, talvez eu já o tenha visto por acaso ou ouvido seu nome. No entanto, examino seu rosto e descubro que não o reconheço mesmo. — Me chamam de Rex.

Apenas assinto com a cabeça. Não há nada a dizer agora. Só temos que continuar subindo. Então, continuamos.

Finalmente, depois de sabe-se lá quanto tempo, emergimos do buraco e cambaleamos pela beirada até um vasto deserto. Não pensei que isso fosse possível, mas o sol bate ainda mais quente do que antes em minha testa.

Levo apenas alguns segundos para descansar e recuperar o fôlego antes de limpar a poeira, examinar o horizonte, procurando alguma coisa — qualquer coisa — além de sujeira e pedras. E, após um minuto, meus olhos avistam algo que parece uma pequena construção. Não sei o que encontraremos — até onde sei, ainda pode haver mogadorianos lá dentro —, mas concluo que não temos muita escolha, sobretudo se pudermos encontrar água e um abrigo do calor.

— Pois bem, Rex — digo, apontando para a construção ao longe. — Vamos andando. Naquela direção.

Ele apenas assente e começa a caminhar. Eu o sigo, me perguntando novamente se estou fazendo a coisa certa. Seria tão fácil matá-lo. Agora ele está fraco, com os reflexos lentos e a cabeça confusa. Seria fácil dar o bote pelas costas e me livrar do sujeito de uma vez por todas. Essa seria minha única chance. Depois de se recuperar, ele poderia me dominar facilmente. Então, talvez não pense duas vezes antes de *me* matar.

Mas ele é um oficial mogadoriano. Não faço ideia de que informações ele tem ou de quanto é valioso para meu povo. Tudo o que sei é que, se ele tiver alguma informação que possa ajudar Malcolm e o povo de Lorien, valerá a pena mantê-lo vivo, ainda que para isso eu precise arriscar minha própria pele. É o que Um iria querer que eu fizesse.

CAPÍTULO

TRÊS

Meus pés parecem feitos de chumbo; caminhar é um esforço tremendo. Minha cabeça está latejando, sinto a língua inchada e o nariz tão ressecado que dói respirar. Minha garganta está revestida de areia, e engolir me dá ânsia de vômito. A pele está repuxada e enrugada, e sinto coceiras por todo o corpo — olho meu braço e noto que está em um tom de vermelho-vivo, já castigado pela luz forte do sol. A cada movimento, choques de dor percorrem todas as juntas de meu corpo e todos os centímetros de pele exposta. Não consigo enxergar direito — o deserto se estende à minha frente, e o prédio para onde estamos indo não parece se aproximar. Na verdade, parte de mim começa a se perguntar se ele é mesmo real. Quando o encaro por muito tempo, ele começa a tremeluzir, como se fosse uma miragem que estará sempre a milhares de passos de distância.

No entanto, não tenho certeza. Não tenho certeza de mais nada. Nunca me senti tão sozinho em toda a minha vida. Antigamente, mesmo quando a situação era péssima, eu sempre tinha Um para me encorajar, para me lembrar do que era certo. Então Um se foi, mas pelo menos eu tinha Malcolm. Agora, ele também se foi, e eu tenho apenas a mim mesmo. Só gostaria de ter mais confiança em *mim mesmo*.

É claro que não estou de fato sozinho. Rex também está aqui. Mas Rex não é meu amigo. Se soubesse quem — ou *o que* — eu sou, provavelmente teria me matado lá mesmo. Matar o traidor mogadoriano que atacou o próprio pai e destruiu a base de Dulce lhe garantiria no mínimo uma promoção.

Entretanto, neste momento, Rex é inútil. Seus passos se tornam mais instáveis, sua cabeça está baixa, como se quisesse abrir caminho por todo o deserto do Novo México, e ele fica resmungando sozinho. Não sei o que diz, mas tenho a impressão de que está conversando com alguém. Alguém que, obviamente, não está aqui agora.

Portanto, somos apenas eu, o deserto e um soldado mogadoriano delirante.

Então, a construção na direção da qual estamos seguindo começa a se transformar de uma simples mancha densa ao longe, onde a areia encontra o céu, em uma forma real que consigo reconhecer. Está cada vez maior e mais próxima. Estamos quase chegando. E então me dou conta do que é exatamente — com tudo o que aconteceu, quase havia me esquecido.

A alguns metros de distância da base principal, ao longo do perímetro, havia

uma torre de observação. *Havia*. Foi a primeira coisa que Malcolm e eu avistamos quando chegamos aqui, além de um gerador que ficava bem atrás dela e alimentava a cerca eletrificada da base. Decidi derrubar a torre e espatifá-la bem em cima do gerador, para podermos invadir o local e, dessa forma, resgatar Sam.

Pensei que havia destruído completamente a torre, mas agora, conforme nos aproximamos, começo a perceber que o verdadeiro posto de observação no topo resistiu, uma cabine de metal e concreto que se encontra caída a uns trinta metros do gerador destruído. Não é muito grande, nem chega a ser maior do que um banheiro, mas serve como abrigo temporário. Estamos quase lá quando escuto o som mais maravilhoso do mundo. Tento não correr — se cair a essa altura, duvido que seja capaz de me levantar de novo —, mas apresso o passo em direção ao barulho. Lá, projetado na estrutura retorcida e vazia da torre, há um cano pontudo e quebrado.

Dele jorra água.

Caio de joelhos bem ao lado da torre desmoronada, onde a água jorrando formou uma piscina ao redor do cano. Se pudesse, pularia lá dentro; deixaria a água encharcar todos os meus poros.

Como não posso, faço uma concha com as mãos, recolho toda a água que consigo e jogo no rosto. Depois, pego mais um bocado, levo à boca e bebo. A água está quente e com um leve sabor metálico, mas tem gosto de vida pura.

Instantaneamente, eu me sinto melhor. Uma explosão de energia inunda meu corpo, indo do peito até as pontas dos dedos dos pés e das mãos. Tomo mais um gole voraz. Agora já estou pensando com clareza outra vez.

Então, me lembro de Rex. Ele está ajoelhado a meu lado, encarando a piscininha com os olhos injetados, mas não bebe. Parece que não lembra como fazer isso. Estendo as mãos e jogo um pouco de água em seu rosto. Ele arregala os olhos. Lambe os lábios e logo se curva sobre a piscina, levando as mãos cheias de água à boca incessantemente e lambendo-as com sofreguidão.

Eu me afasto e, agachado, observo a cena. Temos água agora e abrigo. Com sorte, quem sabe tenha até comida lá dentro. Talvez a gente sobreviva.

Será que vamos conseguir? Quando começo a sentir que as coisas vão melhorar, ouço um ruído baixo e ameaçador. Um rosnado.

Viro a cabeça, assustado com o barulho, e dou de cara com uma imensa fera robusta. É um lobo — o maior que já vi. Seus olhos dourados estão ameaçadoramente semicerrados; seu rabo se contorce e suas orelhas estão de pé, atentas, prontas para a briga. Ele mostra os dentes.

CAPÍTULO

QUATRO

— Calma, amigão — digo com cuidado, engatinhando o mais devagar que posso, na esperança de não assustar ainda mais o animal. — Não viemos machucar você.

Ele bate a pata no chão e se inclina para a frente. Se decidir saltar, será nosso fim, mas, se eu conseguir evocar o Legado de Um novamente, talvez possa provocar um tremor forte o suficiente para derrubar o lobo e ganhar tempo para correr até o abrigo do posto de observação. Não é o melhor plano do mundo, mas é o único que tenho.

A água me refrescou um pouco, mas minha cabeça ainda lateja. Estou cambaleante e minha pele arde. Não são as condições ideais para tentar usar um Legado que ainda não dominei totalmente.

Mas me concentro o máximo possível e cerro o punho. Ergo as mãos devagar e as aponto para o chão. Sinto um leve tremor, e a terra sob nossos pés balança como uma mesa bamba. Já é alguma coisa, mas não vai ajudar muito.

A reação do lobo me surpreende: ele solta um pequeno ganido e dá um passo para trás, agora olhando para mim com curiosidade em vez de raiva. Inclina a cabeça para o lado, como se tentasse me entender, e em seguida começa a caminhar em minha direção. Dessa vez, não rosna. Parece quase amigável. Seja lá o que estivesse esperando quando tentei acertá-lo com meu Legado, não era isso.

— Ei, olá — digo, tentando modular a voz em um tom suave e não ameaçador, e estendo as mãos com as palmas para cima. Nada de movimentos bruscos.

Ele agora está bem à minha frente, me analisando, me farejando. Ele solta um ganido baixo. Nunca tive um cachorro ou outro bicho de estimação quando criança — meu pai, o grande general, não via valor em animais que não tivessem alguma utilidade —, portanto não faço ideia de como interpretar o comportamento desse lobo, nem sei se deveria sair correndo ou não.

Quando ele dá uma lambida na palma de minha mão esquerda, contudo, tenho certeza de que esse não é indício de um ataque.

— Bom garoto.

Estendo a mão e, bem devagar, afago a cabeça dele.

Seu pelo é grosso e macio, e ele me encara com o olhar firme. Nem imagino o motivo, mas de repente o lobo parece confiar em mim.

Eu me viro para ver o que Rex acha de tudo isso e descubro que ele não viu nada: está desmaiado. Por um segundo fico com medo de que ele esteja morto, mas então vejo que está respirando, embora muito mal. Ele deve finalmente estar sentindo os efeitos dos ferimentos — somados ao esforço e à desidratação.

Preciso tirá-lo do meio do deserto. O sol começa a afundar no horizonte. Ouvi dizer que as noites no deserto são frias. A temperatura já começa a cair. Se não há outra solução, seria bom ao menos ter quatro paredes para nos proteger das intempéries.

— Você vem com a gente? — pergunto ao lobo enquanto ergo Rex por debaixo de seus braços e começo a arrastá-lo em direção ao posto de observação.

Eu me sinto um idiota por falar com um animal, mas parece que não tenho ninguém melhor com quem conversar. Ele me olha de cima a baixo e começa a me seguir em silêncio.

Por sorte, levamos apenas alguns minutos para chegar à estrutura. Todas as janelas se estilhaçaram com o desabamento, mas algumas persianas de madeira parecem intactas. Após uns empurrões fortes, a porta se abre.

O lugar está tombado de lado, mas a maior parte parece intacta. Do lado de dentro, há algumas mesas e cadeiras, uns armários com roupas, um arquivo de escritório, um computador amassado e um frigobar arrebentado. É, já está de bom tamanho.

Dou um passo para dentro, arrastando Rex comigo, e o lobo segue logo atrás. Não sei bem por quê, mas sinto uma estranha confiança em tê-lo conosco.

Infelizmente, o local é minúsculo. Depois de largar Rex no chão, quase não resta espaço para eu conseguir me virar sem tropeçar no lobo. Penso que talvez o cômodo não seja suficiente para nós três.

O lobo me analisa por um instante, como se soubesse exatamente o que está se passando em minha cabeça. Solta um latido.

Então, começa a se transformar. Primeiro, as extremidades de seu corpo se turvam; em seguida, sua pelagem começa a reluzir e, de alguma forma, vira uma casca lisa e brilhosa, envolvendo seu corpo quase como uma armadura. Ele passa do branco ao verde.

Dou um passo para trás, trêmulo. Imagino se é isso o que acontece quando se passa o dia inteiro perambulando pelo deserto e arrastando um sujeito com quase o dobro de seu tamanho. Abro a boca para falar e, então, percebo que não faço a menor ideia do que dizer.

Mas o lobo ainda não terminou: agora, tem a pele espessa e escamosa. Então seu corpo inteiro começa a ondular, como a água de um laguinho onde tivessem jogado uma pedra. Ele está encolhendo.

Tudo ocorre tão rápido que mal tenho tempo de me perguntar o que está

acontecendo. Então, acaba. Sentado a meus pés, piscando os olhos imensos e luminosos, está um lagarto.

— Cacete — murmuro.

De repente, é a única palavra que consigo lembrar.

Não é que minha vida tenha sido entediante. Fui criado em uma comunidade secreta de conquistadores alienígenas, tive o cérebro fundido ao de uma garota morta e, recentemente, ganhei superpoderes.

Mas nada disso foi mais esquisito do que assistir a um lobo se transformar em um lagarto bem diante de meus olhos.

CAPÍTULO

CINCO

— Sei quem você é.

É a primeira vez que Rex fala comigo. Já faz alguns dias que estamos aqui. Decidi esperar até que ambos nos recuperássemos, embora eu quase não esteja dormindo, com medo de que qualquer barulhinho que escuto venha de mogadorianos — ou as forças armadas dos Estados Unidos — procurando por sobreviventes à explosão. Por mais estranho que pareça, não vi sinal de ninguém — nem de humanos nem de mogadorianos. Eles devem ter presumido que todos morreram e não há urgência em vasculhar os escombros.

Possuímos abrigo e água, e, embora a reserva de comida da torre de observação tenha se esgotado muito rápido, consegui encontrar pequenos estoques de alimentos nas ruínas da base de Dulce: rações militares, biscoitos, batatas chips e frutas desidratadas. Não estamos vivendo no luxo, mas poderia ser pior.

Consegui me recuperar bem rápido com a ajuda do kit de primeiros socorros preso na parede de nosso esconderijo. Com repouso e hidratação, Rex também está melhorando. Sua cor volta ao normal e sua respiração melhora a cada dia que passa, embora o braço ainda pareça quebrado.

Nos últimos dias, ele acordou e apagou várias vezes, alternando períodos de sono inquieto com momentos em que dormia profundamente. Ontem passou a maior parte do dia acordado, mas ficou apenas sentado em um canto, olhando para o teto, sem dizer uma palavra. Era difícil saber se ele não *consequia* falar ou se simplesmente não queria.

No entanto, agora está decidido a conversar, e o que ele diz é exatamente o que eu temia. Ele me reconheceu.

Apenas dou de ombros, tentando agir como se não soubesse do que ele está falando.

— Ah, é? — pergunto, evasivo.

— Você é Adamus Sutekh — ele continua. — Filho do General Andrakkus Sutekh. — Agora, não há dúvida do desprezo em sua voz nem do modo como seus lábios se contorcem de nojo. — Você é um traidor.

Eu congelo. Ele sabe de tudo. Olho para ele, tentando descobrir o que fará em seguida. Se for preciso, ainda sou capaz de matá-lo. Não terei essa chance quando ele estiver completamente recuperado.

Afasto a ideia mais uma vez. Posso estar cometendo um grande erro, mas

ainda acho que ele é muito valioso para morrer. É um risco que estou disposto a correr.

— Salvei sua vida — respondo calmamente. Rex solta um riso de desdém.

— Você traiu nosso povo. Explodiu o laboratório de pesquisa de Ashwood. — Essa não é estritamente a verdade... Eu destruí o laboratório, sim, com o Legado que Um me deu... Mas deixo passar, e ele aumenta o tom de voz. — E aposto que também foi o responsável por isso aqui. Não foi?

Viro de costas. Sequer consigo olhar para ele. Mesmo sabendo que fiz a coisa certa — o que *tinha* que fazer —, uma parte de mim ainda se envergonha.

Agora, ele está quase gritando, embora ainda se sinta fraco e rouco demais para reunir a força necessária para gritar de verdade.

— Você é patético. Não sei como um fracote desses conseguiu fazer isso sozinho, mas foi você quem explodiu a base. Matou todo mundo. Seu próprio povo.

O que não conto a ele é que não estava sozinho. Pelas peças do quebra-cabeça que consegui reunir — o caos e a barulheira durante o ataque e o tamanho do estrago —, tenho quase certeza de que não era o único atacando a base quando ela ruiu. Se ele prefere pensar que fiz tudo sozinho, então ótimo, mas sei que a Garde provavelmente também esteve por lá.

Apenas dou de ombros.

— Estava procurando uma pessoa — respondo. — Vocês o mantinham prisioneiro aqui. Eu o resgatei.

Rex ainda olha feio para mim.

— Matou todos aqueles soldados para salvar uma pessoa? Aquele humano que estava preso aqui, o garoto? Por quê?

Meu novo amigo me poupa de ter que responder. Ele perambulou o dia inteiro, vigiando tudo como de costume, e agora entra pela porta aberta do abrigo e pousa em meu ombro. Hoje assumiu a forma de um falcão, e suas garras se fecham com força sobre a camiseta que desenterrei de dentro de um armário.

Rex recua ao ver o pássaro.

— Que diabo é isso?

— É o Areal — respondo, feliz com a mudança no rumo da conversa.

Rex me encara com desconfiança. Posso visualizar as engrenagens de seu cérebro funcionando. Não sei o que ele está pensando, mas, seja o que for, não é nada bom.

Estendo o braço e afago a cabeça de Areal. Ele arrepia as penas, satisfeito. Já nos tornamos amigos. O nome “Areal” pareceu apropriado aqui no meio do deserto, e ele parece feliz em ao menos ter um nome. Não sei *o que* ele é, nem por que está aqui, mas estou começando a ter a sensação de que ambos vivemos

solitários por muito tempo.

Rex, por outro lado, não parece nada contente em ter companhia. Ele nos encara por mais um longo instante e então, sem mais nem menos, se levanta em um pulo. Antes que eu consiga entender o que está acontecendo, ele me imprensa contra a parede, apertando meu pescoço. Areal voa de meu ombro e pousa na mesa do outro lado do cômodo. Solta um guincho ensurdecedor, mas Rex o ignora.

— Não sei o que está tramando, traidor — ele rosna para mim. — E não sei o que é essa *coisa*. Mas seus dias estão contados. Olhe só como você é fraco. Mesmo ferido, eu poderia matar você agora mesmo.

— Então mate — digo. Estou blefando, é claro. — Pode me matar.

Então ouvimos um rugido por detrás dele, e Rex se vira e encara Areal, que agora já não é mais um falcão. Nem um lagarto. Nem um lobo. Ele se transformou em um leão gigantesco, tão grande que quase não cabe no esconderijo. Conseguindo atrair a atenção de Rex com o rugido, agora ele abre a boca enorme e lambe as presas, como se dissesse *Vamos lá, quero só ver*.

Rex dá um salto para trás, assustado, mas não tão surpreso quanto achei que ficaria. Ele gira a cabeça em minha direção com uma expressão de desagrado.

— Eu sabia — disse. — Só um vira-casaca como você teria uma Chimæra de estimação.

— Chimæra — repito.

Esse nome não me é estranho, mas não faço ideia do que significa.

Rex solta uma bufada de desdém.

— Nem sabe o que ele é, sabe? É uma besta lórica, um animal que se metamorfoseia. É isso o que ele é. O Alto Comando pensava que elas eram apenas lenda, mas, quando invadimos Lorien, descobrimos que eram reais. Criaturas malignas e repugnantes.

É claro. “Chimæra.” Agora me lembro da palavra. *O Bom Livro* menciona esses animais — algo sobre pequenas pestes do mal, acho —, mas os dias em que eu passava o tempo estudando o livro sagrado de ensinamentos de Setrákus Ra foram há tanto tempo que mal consigo me lembrar do que havia nele.

Então, me recordo de mais uma coisa. Já vi essas criaturas antes — nas memórias que Um guardava da fuga de Lorien. Mas pensei que estivessem todas mortas, que haviam sido exterminadas por meu povo com o restante do planeta.

Abro um sorriso ao pensar que estava errado. A Garde ainda tem alguns truques na manga.

E Rex não é tão durão quanto quer que eu acredite. Na realidade, fiquei surpreso por ele ter tido forças para me atacar, mas deve ter exaurido todas as suas forças, pois agora está caído no chão. Areal ainda o observa com cautela,

pronto para dar um bote se for necessário, mas aceno para ele se acalmar, e em um piscar de olhos ele retorna à forma de ave.

Eu deveria estar me acostumando a isso, mas não estou. Cada transformação me fascina e, agora que sei o que ele realmente é, também me traz um vislumbre de esperança.

— O que ele está fazendo *aqui*, então? — pergunto, mais para mim mesmo do que para Rex.

Um sorrisinho afetado surge em seu rosto. Ele sabe de algo.

Então, compreendo.

— Ele estava preso, não estava? Como Sam. Como Malcolm.

Rex lança um olhar furioso em minha direção.

— Você não entende, não é? Estamos em guerra. Não é um concurso para eleger o sujeito mais bonzinho. Pessoas são capturadas. São mortas. *Meus amigos* foram mortos. Deviam ser seus amigos também. Se você não tivesse decidido traí-los.

Quase deixo suas palavras me atingirem, mas logo as ignoro.

— Você está errado — retruco. — Entendo, sim. Pessoas são capturadas. Se pararmos para pensar, parece que eu mesmo arrumei um prisioneiro: você.

CAPÍTULO

SEIS

Estou mais preocupado do que deixo transparecer.

Alguns dias após meu confronto com Rex, ele está mais forte do que nunca. Tenho Areal para me proteger — agora sei que ele não deixará que nada aconteça comigo —, mas, se não fosse por ele, Rex seria capaz de me derrotar com facilidade. Estou começando a perceber como tenho tido sorte até agora e que grande erro talvez tenha sido manter Rex vivo.

Não é só isso. Estou cada vez mais apreensivo com a possibilidade de os mogadorianos reaparecerem e nos encontrarem. Já revistei Rex pelo menos umas dez vezes até agora à procura de armas e dispositivos de comunicação, mas ainda me preocupa que ele possa ter alguma forma de contato com eles e de trazê-los até aqui.

Precisamos sair daqui. Precisamos de um plano. Todo dia saio para vasculhar a base à procura de comida, e cada vez retorno com menos alimentos. É hora de seguir em frente. Mas para onde? Não faço a menor ideia.

Queria que houvesse alguma forma de entrar em contato com Malcolm. Presumindo que ele tenha conseguido sair daqui vivo, ele saberia o que fazer. Mas todo o equipamento da base foi irreparavelmente danificado, e o máximo que consegui escavar foi um telefone celular. Até retornar à civilização, estou por conta própria.

Tento imaginar o que Um diria se estivesse aqui. Estou tão acostumado com a presença dela rondando minha cabeça que, se me esforçar bastante, sou capaz de evocar sua imagem como se ainda dividíssemos a mesma consciência. Quando fecho os olhos e visualizo seu rosto, novamente eu me vejo com ela na Califórnia, nós dois estirados na areia. Ela está descalça na arrebentação, os braços cruzados e os cabelos rosados pelo pôr do sol e esvoaçando com a brisa.

Rex está melhor. Os hematomas desapareceram, e os cortes e as escoriações que entrecortavam seu corpo parecem estar cicatrizando. A grande ferida de onde todo aquele sangue jorrava quando o encontrei ainda deve levar tempo para ficar totalmente curada, mas agora é apenas superficial. Quanto ao braço, no fim das contas não estava quebrado: era só um ombro deslocado, que ele conseguiu estalar de volta no lugar com uma leve careta e um pouquinho de esforço.

Seu humor, no entanto, é tão ruim quanto o meu. Talvez pior. Ele passa a maior parte do tempo sentado em um canto com um olhar sombrio; algumas vezes, murmura baixinho consigo mesmo, outras, fecha a cara e fica em silêncio

por horas a fio.

Se eu fosse inexperiente, diria que está deprimido. Mas isso é impossível — os verdadeiros mogadorianos não ficam deprimidos. Eles se vingam.

Estranhamente, a única coisa que parece tirar Rex desse estado é Areal. Os dois deram uma trégua, e, apesar de tentar demonstrar indiferença, Rex parece tão fascinado com as transformações da Chimæra quanto eu. Um dia, quando Areal está animado e mudando de forma toda hora — de coelho a passarinho a chimpanzé e a labrador —, até vejo Rex observá-lo com uma expressão próxima de um sorriso.

Isso me dá uma ideia.

— O que você sabe sobre ele? — pergunto, indicando a Chimæra com a cabeça. Não estou esperando resposta, por isso me surpreendo quando Rex de fato começa a falar.

— Não muito — diz. — Não sei onde foi encontrado nem por quanto tempo ficou em Dulce. Só sei que estavam fazendo uns experimentos nelas.

Experimentos. Sinto um arrepio involuntário ao ouvir essa palavra, imaginando Areal em um laboratório subterrâneo, torturado por um cientista mogadoriano em nome de Setrákus Ra. Sei muito bem o que é isso. Eu mesmo já fui um desses ratos de laboratório.

Não quero pensar nisso, mas não consigo *evitar*. E tenho um estalo. Algo nas palavras de Rex me soa estranho. Só não sei identificar o que é.

— Nelas? — pergunto.

— Hã? — Rex pergunta, como se estivesse confuso. Tenta disfarçar o erro, mas a culpa que cintila em seus olhos me faz perceber que estou no caminho certo.

— Disse que estavam fazendo uns experimentos *nelas*. Como se fosse mais de uma. Tem outras Chimæras por aí? Em algum lugar da Terra?

Ele desvia o olhar para o teto. E dá de ombros.

— Achei que todas as Chimæras haviam sido mortas em Lorien — reflito, abordando a questão com cuidado, tentando não fazê-lo lembrar que deveria estar me ignorando.

Mas ele lembra. E não morde minha isca.

No dia seguinte, entretanto, ao encontrá-lo outra vez no cantinho de sempre com o queixo apoiado no punho, faço mais uma tentativa.

— Há mais delas por aí, não é? — pergunto. — Areal não é a única Chimæra.

Rex olha feio para mim. Inertes e distantes, seus olhos são como dois buracos negros. Areal, agora um gato, tira uma soneca sob a mesa.

— Escute — eu continuo. Ele nem olha para mim. — Areal poderia matar você, se eu quisesse. Sabe disso, não sabe? Você ainda está fraco, e, mesmo que

não estivesse, ele é mais forte do que nós dois juntos.

— Então mande o bicho me matar — Rex responde com voz entediada, ainda sem olhar para mim.

Quase parece estar falando sério.

— Não acredito que um mogadoriano natural diria uma coisa dessas — falo, sem esconder minha surpresa. O choque em minha voz é verdadeiro.

Rex levanta imediatamente a cabeça e olha bem dentro de meus olhos, a testa franzida em um misto de raiva e vergonha. Eu disse a coisa certa.

E instigo um pouco mais.

— Parar de lutar faria de você um fracote ainda maior do que eu.

— Nunca vou parar de lutar — ele argumenta. — Vou ver os lorienos mortos, nem que seja a última coisa que eu faça. Mas matar você, Adamus Sutekh... essa será a *primeira* coisa que vou fazer.

— Está ótimo. Pode me matar.

Ele sabe que não pode. Pelo menos não agora. Porque tenho Areal.

— Sei que meus dias estão contados de qualquer forma — digo a Rex. — Você vai acabar me matando, ou o meu pai vai, ou algum nascido artificialmente que nem sabe meu nome. Mas, neste instante, sou eu quem tem o poder. Tente fugir e essa fofurinha que está dormindo debaixo da mesa vai se transformar em um gorila de dez toneladas e amassar você como uma banana.

Rex revira os olhos, cospe raivosamente no chão de cimento e volta a olhar para o teto. Ele sabe que tenho razão.

Insisto, ciente de que estou fazendo progresso.

— Também preciso de você, Rex. Há uma razão para estar vivo. É porque pode ser útil. Você tem informações. E eu quero informações.

— Não sei de nada — ele vocifera.

— Se me contar o que quero saber, nós vamos sair daqui. Vai ter muito tempo para me matar depois que sairmos desta terra de ninguém. Não vou nem tentar impedir.

Vejo que ele está considerando a ideia. Prendo a respiração. Se isso não funcionar, decido que vou *mesmo* matar o cara. Quando percebo que ele está mais vulnerável do que nunca, eu o pressiono com uma última pergunta.

— “Elas.” Você disse “elas”. Onde estão as outras Chimæras?

— Não vi nenhuma — ele murmura. — Mas tem um monte por aí. Ao menos umas dez. Talvez mais. Elas vieram em uma nave separada da Garde. Pelo menos, foi isso que ouvi de alguns oficiais.

De súbito, tudo isso parece incrivelmente importante.

— Você disse que estavam fazendo experimentos com elas — digo, tentando evitar que a urgência transpareça em minha voz. — Que tipo de experimentos?

Acho que Rex não vê razão em reter informações agora que já revelou tanto, porque dessa vez não hesita em responder à minha pergunta. E parece quase orgulhoso enquanto me dá a explicação.

— Estão tentando descobrir como ocorrem as transformações das Chimæras. Setrákus Ra acha que, se nós conseguirmos isolar o gene responsável por essas habilidades, seremos capazes de reproduzir o processo nos nascidos artificialmente.

A forma como ele diz “nós” me dá calafrios. Eu já não lembrava como era viver entre eles, acreditando que sua própria autoestima está intimamente ligada à glória sórdida de um déspota que percorreu um sistema solar inteiro à caça de nove crianças só para garantir que veria todos mortos.

— Onde elas estão? — pergunto. — Se me contar, podemos ir até lá juntos.

Ele parece chocado com minha veemência, mas respira fundo.

— Elas não estão aqui. De alguma forma, Areal se separou dos outros e estava sendo mantido aqui até que alguém pudesse levá-lo de volta às instalações principais.

— Rex, diga onde é.

Só agora ele parece se dar conta de quanto acabou contando e das possíveis consequências que isso lhe trará. Revelar um segredo contraria todo o seu treinamento, tudo o que ensina *O Bom Livro*. Sua voz fraqueja um pouco, mas, mesmo assim, ele continua.

— Em Nova York. Em um lugar chamado Plum Island.

CAPÍTULO

SETE

— Cidade legal — Rex diz sarcasticamente quando vemos o povoado pela primeira vez. — Tudo valeu muito a pena.

Foi um dia longo para todos nós. Após tentar sem sucesso conseguir um veículo funcionando em algum ponto da base, não tivemos alternativa a não ser persuadir Areal a nos carregar. No lombo. Em forma de jumento.

Quando Rex e eu montamos pela primeira vez, ele zurrou e bateu a pata. Mas acabou cedendo e, depois de horas nos arrastando, finalmente chegamos. Em termos de civilização, a cidade com que enfim nos deparamos é mais evoluída que as ruínas da base de Dulce, mas por muito pouco. É acabada e empoeirada. Metade das vitrines da rua principal está fechada com tábuas, enquanto a outra metade é formada por farmácias e lojas de tranqueiras esquisitas que parecem não ver uma mudança há uns trinta anos.

Ainda assim, as ruas são pavimentadas, há carros e iluminação.

Para não falar em comida. Quando chegamos ao centro da cidade, não consigo deixar de parar em frente ao Celia's Café e espiar pela janela as pessoas sentadas nos balcões, com os semblantes felizes enquanto devoram seus hambúrgueres e panquecas e ovos e bacon. Fico praticamente com água na boca. Depois de viver à base de qualquer comida enlatada, encaixotada e enrolada que conseguíamos arranjar nos armários do posto de observação e no que sobrou da base, a ideia de uma refeição de verdade e apropriada é suficiente para me deixar babando.

Rex faz menção de abrir a porta do restaurante, mas eu o agarro pelo ombro.

— Depois.

Ele faz uma expressão azeda, mas solta a maçaneta. Sabe tão bem quanto eu que não temos dinheiro para uma refeição. A comida pode esperar. Primeiro precisamos de dinheiro. Ainda estou parado na calçada, ponderando quão viável seria roubar um banco, quando um casal corpulento de meia-idade sai da lanchonete e passa por mim. Eles continuam caminhando pela rua, e observo enquanto um jovem magricela com uma mochila cinza esfarrapada nas costas dá um encontrão no marido — e surrupia sua carteira.

Tudo acontece tão rápido que quase não acredito no que vi. Por um instante, penso em correr atrás do batedor, recuperar a carteira e devolvê-la ao casal.

No entanto, Rex tem outra ideia.

— Estamos precisando de dinheiro, certo? — ele pergunta com os olhos fixos

no batedor, que agora passeia pela rua com toda a naturalidade do mundo. — Vamos segui-lo, mas sem chegar perto demais. Não queremos que nos veja.

Não sei o que ele está pensando, mas assinto, e começamos a caminhar atrás do garoto. Seja lá o que tenha em mente, espero que funcione.

O delinquente trabalha muito, isso devo admitir. Pelo que pude perceber, ele afana mais três carteiras e duas bolsas durante a hora seguinte, guardando tudo em sua mochila, sem parar um segundo sequer. De alguma forma, ele nunca volta pelo caminho que veio e nem passa duas vezes pela mesma rua.

Em um dado momento, avisto uma viatura de polícia, mas o ladrão também a vê e se esconde até que suma de vista. O cara é profissional, sem dúvida.

Depois que os policiais se afastam e o bandido acaba de furtar mais uma bolsa, Rex me dá um cutucão.

— Fique a postos.

Atravessa a rua, apressa o passo para chegar um quarteirão adiante de nossa presa, dá a volta e começa a caminhar em minha direção.

Há um beco logo à frente. A sincronia de Rex é perfeita: ele passa pelo lado de fora do batedor quando ambos chegam ao beco e, com um empurrão ágil, manda o garoto franzino rolando para dentro do beco, tirando-o de vista. Ou, pelo menos, o máximo possível. Corro para alcançá-los.

O ladrão não perde tempo reclamando, perguntando o que queremos ou algo do tipo. Em vez disso, foge para o outro extremo do beco enquanto sigo os dois pelo estreito corredor de tijolos que termina em uma parede com uma única caçamba. Já consigo visualizar o plano do ladrão: ele vai pular na lateral da caçamba, subir até a metade da parede, agarrar o topo e se alavancar. E vai nos deixar comendo poeira. Frustrado, acelero o passo, e Rex faz o mesmo, mas é óbvio que não vamos conseguir alcançar o delinquente antes que ele alcance a caçamba.

Paro abruptamente — não temos muito tempo, e só consigo pensar em uma forma de deter o sujeito. Canalizo toda a minha raiva, levanto a mão e foco no solo logo abaixo da caçamba.

— Vamos! — murmuro, rangendo os dentes.

E, exatamente no momento em que o ladrão dá o primeiro salto, sinto um pequeno tremor no solo. A caçamba vem voando em nossa direção. Atinge o batedor e o arremessa na parede lateral do beco. O rapaz colide com tamanha força que escutamos o ar sair de seus pulmões quando ele despenca em cima de uma pilha no chão.

— O que foi isso? — Rex pergunta, enquanto volta correndo.

— Tive a impressão de que ele estava planejando subir e pular — respondo, me agachando ao lado do garoto. Ele ainda está respirando, o que é bom. Há uma

grande diferença entre matar mogadorianos que estão atacando você e matar um idiota que ganha a vida batendo carteiras. O impacto só o deixou inconsciente. Olho de relance para a caçamba. — Acho que ele não percebeu que a lixeira tinha rodas. — Abro a mochila do sujeito, retiro todos os itens roubados e entrego um por um a Rex. — Pegue o dinheiro e deixe o resto.

Um minuto depois, largamos as bolsas vazias no colo do garoto e tomamos nosso rumo. Agora temos uns mil e trezentos dólares na mão. Nada mal.

— Primeiro, o mais importante — digo a Rex ao sairmos do beco. — Equipamentos, uma refeição decente e, então, vamos descobrir como chegar a Plum Island daqui.

— Equipamentos, comida, transporte... beleza!

Ele assente.

É um tanto estranho nos pegar de repente trabalhando tão bem juntos. Quase esqueci que somos inimigos. E, embora fique feliz por Rex não estar me atacando nem tentando contatar a base de comando mogadoriana, preciso me lembrar de não ficar à vontade demais. É bom, enfim, ter alguém com quem conversar, mas não posso me deixar levar pensando que ele é meu amigo.

Ainda assim, comer alguma coisa com ele não vai fazer mal nenhum, não é mesmo?

Voltamos em direção ao centro da cidade, mas, enquanto caminhamos, me distraio por um segundo com algo que parece uma sombra correndo por nós. Dou um pequeno salto, e Rex olha para mim, achando graça.

Deve ser só cansaço e fome. Examino toda a calçada, mas não vejo ninguém.

No entanto, durante o trajeto inteiro até o restaurante, não consigo afastar o medo de que estejamos sendo seguidos. E não quero dizer por Areal, que no momento circunda nossas cabeças na forma de um falcão.

No balcão da lanchonete, nem o gosto das batatas fritas e do milk-shake afasta a sensação de que estou sendo observado. E isso só pode significar uma coisa: mogadorianos.

CAPÍTULO

OITO

Duas horas depois, estamos sentados em bolas de feno na caçamba de uma picape, o vento assobiando por nossos cabelos. Ambos comemos bem — peguei as sobras para Areal — e até conseguimos umas roupas novas, depois alugamos um quarto em um motel para tomar banho e nos trocar. Consegui também um celular pré-pago quando Rex não estava olhando, mas Malcolm não atendeu à ligação, e eu não quis deixar recado — apenas por precaução, caso o telefone caia na mão de alguém. Espero que ele e Sam estejam bem, mas é impossível saber. Só mais uma coisa com que me preocupar.

Controle-se, digo a mim mesmo. Você já chegou até aqui. Apenas dê um passo de cada vez. Isso é importante.

E o que estou fazendo é importante. Tenho certeza. Já percebi quanto Areal é forte, mesmo sozinho. Encontrar as outras Chimæras e levá-las à Garde poderá mudar a maré a favor deles. Poderá significar a diferença entre a vitória e a derrota; não apenas para os lorienos, mas para toda a Terra.

No entanto, se meu povo conseguir acessar o código genético que possibilita a criação de uma horda infinita de soldados nascidos artificialmente com as habilidades de transformação das Chimæras, essa luta estará terminada.

A morte de Um terá sido em vão. Minha traição também não terá servido para nada.

Então, mesmo cansado, sozinho e sentindo que estou começando a ficar meio doido, sei que preciso chegar a Plum Island. Preciso libertar as Chimæras. Se conseguir fazer tudo isso sem ser morto no caminho, já sairei ganhando.

Antes de fazer todas essas coisas, contudo, preciso sair do Novo México.

Acontece que é mais fácil falar do que fazer. Há um trem. Infelizmente, ele só faz três paradas — uma aqui, uma no Colorado e uma parada final em Wyoming. Nenhuma dessas pode nos levar a algum lugar pelo menos perto de Nova York.

Ônibus também não é uma opção. A rodoviária mais próxima também fica no Colorado, em uma cidade chamada Alamosa, a aproximadamente setenta ou oitenta quilômetros daqui. É uma caminhada e tanto.

Rex sugeriu que roubássemos um carro, mas, além de eu não ter ideia de como fazer isso, parece arriscado demais. Não se pode salvar o mundo se estiver preso por roubo de carro. Por um instante considero tentarmos alugar um, mas, sem cartão de crédito ou identidade, duvido que consigamos levar o plano

adiante.

Só nos resta pedir carona. Rex e eu temos a pele pálida, mais branca que a neve, dos mogadorianos, e Rex tem a tatuagem das forças armadas na cabeça. Nada disso nos torna passageiros especialmente atraentes. Mas ambos puxamos os capuzes de nossos novos moletons e tentamos esconder nossas feições características de alienígenas.

Não sei bem se isso vai funcionar, mas também contamos com uma arma secreta: Areal teve o bom senso de se transformar no golden retriever mais charmoso do mundo. O tipo de cão que as pessoas reduzem a velocidade só para admirar.

Em pouco tempo, a tática funciona. O terceiro veículo que passa por nós é uma picape um pouco destruída. Ela para bem à nossa frente no acostamento. O motorista de meia-idade que abre a janela tem “caipira” estampado no corpo inteiro, desde a pele envelhecida, passando pelas mãos calejadas, até o jeans e à camisa de flanela surrados.

— Estão a fim de uma carona, camaradas? — ele pergunta.

— Seria ótimo, muito obrigado — respondo, me aproximando do banco do passageiro. — Estamos tentando chegar a Alamosa.

— Molezinha — ele assegura. — Acho que não cabem os três aqui dentro, mas podem ir pulando lá atrás.

Dou uma espiada no banco do carona, que está coberto de sacolas de mercado abarrotadas.

— Lá atrás parece ótimo, obrigado — respondo.

Faço um gesto para que Rex suba, e Areal dá um salto pelo lado dele em seguida. Pulo por último, e seguimos viagem.

Uma hora depois, chegamos a Alamosa.

— Para que lugar da cidade vocês vão? — ele pergunta pela janela aberta quando paramos em um semáforo. — Algum local em particular?

— Para a rodoviária — grito de volta, e ele assente. Dez minutos depois, o carro para diante de uma pequena construção de tijolos vermelhos com uma grande placa com a palavra “rodoviária” escrita na frente. — Obrigado mais uma vez — digo, enquanto todos saltamos. — Posso ajudar com algum dinheiro para a gasolina?

— Eu estava mesmo indo nessa direção — ele responde, acenando. — Vocês se cuidem no caminho para casa!

Aceno de volta conforme ele vai embora.

Ele não precisava nos trazer até aqui nem recusar nosso dinheiro. Poderia nos tomar por criminosos após uma rápida olhadela. Mas aqui não é Mogadore. Aqui, prestar ajuda não é considerado uma fraqueza.

O motorista é exatamente o tipo de pessoa que Um e os outros Gardes estão lutando para proteger. O tipo de pessoa que minha raça quer escravizar e exterminar.

Não posso — não vou — deixar isso acontecer. Então, compro duas passagens para Kansas City.

Areal está bem protegido em meu bolso, em forma de lagarto, e nós três nos acomodamos para viajar.

Enquanto nosso ônibus segue a toda pela estrada, Rex fecha os olhos. Olho para ele e me pergunto o que está pensando. Uma parte de mim quer acreditar que passar esse tempo comigo e com Areal o tenha mudado. Que talvez ele esteja lutando consigo da mesma forma como fiz um dia, questionando os dogmas de *O Bom Livro* que foram incutidos em sua cabeça desde que aprendera a andar.

Também me pergunto se Rex quer saber por que não há ninguém procurando por ele. Se sente raiva por ter percebido exatamente quanto é descartável para os mogadorianos. Sei como é se sentir assim.

Acabo pegando no sono. Enquanto durmo, Um aparece para mim novamente. Sei que não é ela de verdade. Às vezes, um sonho é só um sonho. Mas, pela primeira vez em muito tempo, ela fala comigo com sua própria voz.

— Vocês dois são diferentes — ela me lembra. — Não pode confiar nele. O ódio está no sangue dele. Sempre vai estar.

— Também está no meu sangue.

— *Estava*. Até me conhecer.

Quando acordo, fico me perguntando se ela tem razão. Honestamente, não sei a resposta. Talvez jamais saiba.



Quase exatamente um dia depois, chegamos a Kansas City. O Union Station é um edifício de pedras grande e imponente, que ocupa facilmente um quarteirão inteiro. Eu o contemplo quando saímos do ônibus.

— Será que conseguimos um trem direto daqui para Nova York? — Rex pergunta enquanto caminhamos pelo piso de mármore encerado.

Depois da solidão das últimas semanas, me sinto estranho por estar rodeado de pessoas de novo. O lugar está abarrotado, cheio de gente indo e vindo, inclusive muitos universitários. Toda essa agitação me deixa um tanto apreensivo, mas eu sei que é um bom sinal. Conseguiremos nos misturar com facilidade.

— Não sei — admito.

Há uma fileira de máquinas para vender passagens de um dos lados dos balcões de atendimento, e eu sigo em direção a uma delas. Quando marco Nova York como nosso destino, tenho uma surpresa desagradável.

— Não, não tem nenhuma opção direto para lá — respondo enfim, olhando para a tela, como se pudesse fazê-la mudar de ideia. — Mas podemos ir daqui para Chicago, e de lá para Nova York. — Analiso um pouco mais as informações. — A viagem inteira vai levar trinta e três horas e custará uns trezentos por cabeça.

É mais dinheiro do que eu gostaria de gastar, e isso vai nos deixar sem quase nada no bolso. E também não quero gastar todo esse tempo, mas não vejo muitas alternativas.

Pelo suspiro de Rex, tenho certeza de que ele concorda.

— Está bem — ele diz, enfim. — Compre de uma vez.

Quando estou prestes a apertar o botão COMPRAR PASSAGENS, noto um reflexo estranho na tela. Alguém caminha e olha em minha direção. Sei disso porque vejo uma centelha suave de pele pálida com uma faixa escura na frente — óculos de sol. O restante do reflexo também é todo escuro — casaco escuro, chapéu escuro. Tudo bem parecido com os trajes dos mensageiros mogadorianos. Sou tomado pelo pânico e me viro, mas não encontro a figura na multidão, nem ninguém parecido com ela.

Tenho uma ideia. Altero nosso destino para Saint Louis — apenas trinta dólares por pessoa, em vez de trezentos — e fecho a compra. Pego as passagens, mas deixo o recibo para trás e saio rapidamente.

— Vamos.

Rex me segue sem dizer uma palavra, conforme nos apressamos pelo corredor em direção à plataforma. Continuo andando sem parar, então entro rapidamente por uma porta onde está escrito SAÍDA — SOMENTE PESSOAS AUTORIZADAS.

— O que estamos fazendo? — ele pergunta enquanto saímos.

Exatamente como eu previa, saímos no próprio pátio de manobras. Há trens por todos os lados, e algumas pessoas carregando bagagens, reabastecendo ou apenas andando e fazendo verificações. Ninguém presta atenção em nós, e também não olho na direção deles por mais de um segundo. O melhor plano, percebo, é caminhar depressa e agir como se soubesse o que estou fazendo.

Talvez assim até consiga convencer a mim mesmo.

Contudo, ainda tenho que lidar com Rex.

— Não vamos pegar nosso trem, vamos? — ele pergunta, colocando uma das mãos sobre meu braço e me fazendo parar. — O que está havendo?

Bem, chegou a hora da verdade. Endireito os ombros.

— Acho que vi um mensageiro — conto a ele, observando-o com atenção.

Então, aguardo. Nervoso, reúno todas as minhas forças. Se ele tentar me agarrar, acho que consigo usar meu Legado para derrubá-lo por tempo o bastante para largá-lo no pátio, mas prefiro não fazer isso, a menos que seja realmente obrigado. E ainda tenho Areal no bolso.

Depois de alguns segundos que parecem uma eternidade, ele assente.

— Então e agora?

— Agora, pegamos uma carona.

Aponto para os trens de carga do outro lado do pátio.

Surpreendentemente, Rex sorri.

— Beleza, então! — Ele começa a correr. Acho que faz sentido ele gostar de algo tão físico e perigoso quanto pegar carona em um trem. Ivan provavelmente também teria amado essa ideia. — Como vamos saber em qual trem pular? — ele pergunta por cima do ombro enquanto reduz o passo diante do primeiro grupo de vagões. — Há alguma marcação ou coisa assim?

Dou uma olhada nos vagões, na esperança de que tenham alguma identificação de endereço ou letreiro grande com os destinos, como os ônibus, mas cada um possui apenas uma numeração e outras coisas como fabricante e modelo.

— Não sei — admito. — Estou improvisando. — Rex solta uma pequena risada de desdém. Então, avisto um sujeito de uniforme, caminhando e carregando uma prancheta. — Mas aposto que ele sabe.

— Ah, é? — Rex caçoa enquanto ambos nos enfiamos por entre os vagões para que o sujeito não nos veja. — E aí, vai perguntar a ele?

O homem passa por nós, e eu o observo seguir em direção a uma pequena cabine bem no meio do pátio e entrar nela. Antes, porém, pendura a prancheta em um gancho do lado de fora.

— Talvez eu não — respondo com um sorrisinho. — Areal?

Tiro Areal do bolso e o coloco na palma da mão. Ele sacode a cauda como se dissesse que está pronto. Desenvolvemos uma sintonia tão boa que ele às vezes parece saber o que quero antes mesmo de mim.

— Precisamos daquela prancheta. — Em um piscar de olhos, ele é novamente um falcão, atravessando o pátio velozmente. Dá um rasante, segura a prancheta com as garras e sai planando pelo céu. As poucas pessoas que o veem soltam suspiros admirados e ficam olhando, mas o perdem de vista por causa do sol. É por isso que ninguém percebe quando ele pousa em meu ombro um minuto depois. Volta à forma de lagarto durante o pouso, e a prancheta cai no chão para que eu a apanhe. — Muito bem — digo.

Examino a lista.

— Aqui — concluo após um instante, fincando o dedo em uma das linhas. — Tem um trem para a Filadélfia daqui a alguns minutos. Plataforma doze. — Todas as plataformas são numeradas, e a doze fica a apenas algumas fileiras de distância. — Vamos lá.

Rex assente, e partimos, mas em seguida ele pausa, dá uma agachada e surge com uma barra de ferro grossa e escurecida.

— Para arrombar a porta — explica. — A porta é de correr, provavelmente não abre por dentro.

Faz sentido. Também significa, é claro, que ele agora tem nas mãos um objeto que pode servir de arma.

No entanto, não tenta nada. Chegamos à plataforma doze no instante em que o trem começa a roncar para partir. Sem demora, avisto um vagão fechado e vou em direção a ele, mas Rex embarca antes que eu sequer chegue perto do trem: corre, se arrasta pela escada presa de um dos lados e abre a porta com um puxão. Então, dá um giro e, de joelhos, bate com força na trava debaixo da extremidade inferior da porta para mantê-la aberta.

Fico um pouco incomodado em ver a recuperação milagrosa de Rex. Ele mal conseguia mexer o braço quando deixamos a base, e agora se movimenta como um atleta campeão. Como se não fosse nada de mais. Por instinto, dou um tapinha no bolso, tranquilizado pela mera presença de Areal.

— Vamos! — Rex grita. — Ande logo!

Aperto o passo. Infelizmente, o trem também. Consigo colocar uma das mãos na escada, mas não sou capaz de pular sem tomar impulso.

Agora meus pés se arrastam pelo chão. O trem acelera mais do que posso acompanhar, e sou forçado a puxar as pernas para cima e me agarrar desesperadamente à escada. Se cair agora, com certeza serei arrastado para os trilhos. Começo a perder a força nas mãos. Meus pés suspensos começam a se aproximar do chão. Se eu não fizer alguma coisa agora mesmo e rápido, não conseguirei dar nem mais um passo, pois já não passarei de uma manchinha de sujeira nos trilhos do Missouri.

Rex resolve o problema. Ele me alcança e me agarra pelo peito por baixo dos meus braços, e então se joga para trás, me puxando junto para dentro do vagão. Ambos caímos com um baque surdo no piso de madeira carcomido e ficamos ali por um instante, resfolegantes.

Então ele começa a gargalhar.

— Uau! — ele grita, ainda no chão, com o maior sorriso que já vi estampado em seu rosto. — Acabamos de pular em um trem em movimento!

Também dou um sorriso. Rex acabou de salvar minha vida. Agora, estamos quites. No fim das contas, talvez haja esperança para ele.

Precisamos nos esconder uma vez em Columbus, em Ohio, quando o trem faz uma parada e os guardas do pátio de manobras vão inspecionar os vagões em busca de clandestinos como nós, mas não é difícil ouvi-los chegando. Apenas escapulimos do vagão assim que o trem dá uma guinada e para, levando a barra de ferro conosco, e então circulamos por ali e subimos de volta quando os guardas vão embora.

Teria sido quase divertido se eu não me preocupasse tanto com o que acontecerá quando chegarmos a Nova York. Ainda não faço a mínima ideia de como chegaremos a Plum Island, muito menos de como farei para passar por sejam quais forem as medidas de segurança mogadorianas, entrar e libertar as Chimæras.

Tudo isso é aterrorizante, mas estou começando a duvidar menos de mim mesmo. Quando olho para trás e vejo tudo o que realizei desde que saí de Ashwood, fico maravilhado. Tenho mesmo chances de fazer isso.

No entanto, ainda não consegui entrar em contato com Malcolm, e *isso* está me preocupando. Por que ele não atenderia o telefone? Só se não chegou a encontrar a Garde.

Não posso me permitir imaginar o que isso significaria.

Rex e eu passamos a maior parte da viagem em silêncio, mas, em algum momento da jornada, enquanto observo o campo passar, me surpreendo com o som de minha própria voz.

— Por que destruir tudo? Qual é o objetivo?

Rex não hesita em disparar um dos mais importantes dogmas de *O Bom Livro*.

— *Conquistar, consumir, cauterizar.* — Ele dá de ombros. — É o que fazemos.

Já escutei essa frase tantas vezes que saberei repeti-la de cor pelo resto da vida. É o resumo perfeito do propósito mogadoriano: viajar para um mundo novo, dominá-lo completamente, drenar todos os seus recursos, deixar só o pó e seguir para o próximo. Isso costumava fazer sentido para mim.

— Mas por quê? — pergunto. — Você nunca questiona isso?

— Por que é assim que o universo funciona. É assim que caminha o progresso. O piken devora o kraul. Ele não se sente culpado por isso. Simplesmente devora.

— Porque ele precisa — argumento. — Sobrevivência é uma coisa. Isso é

diferente.

O rosto de Rex se contorce em uma careta determinada.

— Olhe só o que aconteceu em Lorien. Eles tinham tanto poder. Só com os Legados seriam capazes de nos derrotar facilmente. Mas amoleceram. Mesmo com todo aquele poder, foram fracos. Seu mundo estava ficando estagnado. Era nojento.

— Eles eram felizes. O que tem de nojento nisso?

Rex me encara com um olhar tão duro que quase posso senti-lo.

— Já ia esquecendo quem você é — ele diz com frieza. É a voz do antigo Rex.
— Esqueci o *que* você é. E o que fez. Não esquecerei mais.

Então percebo que, seja lá o que tenha acontecido com Rex no curso dessa viagem, foi apenas temporário. Ele não vai mudar. Está em seu sangue. E, quando chegarmos a Plum Island, ele não vai mais precisar de mim. Retornará a seu verdadeiro povo; ele não terá razão alguma para não me atacar.

Desvio o olhar. Estou sozinho de novo. Nem ao menos sei onde está Areal: ele se transformou em um rato há algumas horas e foi explorar o trem por conta própria.

Dez horas depois de Rex me puxar para dentro do vagão, chegamos à Filadélfia em silêncio. Desde a discussão, não trocamos uma palavra.

Areal aparece por detrás de um caixote e desliza para dentro de meu bolso enquanto Rex pula para a plataforma. Estou prestes a segui-lo quando vejo que largou a barra de ferro para trás. Acho que ele pensa que sou tão fraco que nem vai precisar dela. Enfio a barra no bolso e salto para a noite fria da Filadélfia.

Ainda não trocamos mais de meia dúzia de palavras quando subimos no ônibus para Manhattan. Em teoria, dali é um pulo para Plum Island.

Depois disso... eu não sei. Tenho ponderado minhas escolhas. E me pergunto se Rex está fazendo o mesmo. Enquanto comprávamos as passagens de ônibus, pensei em abandoná-lo de uma vez. Largá-lo no meio da multidão e tentar chegar a Plum Island sozinho. Estive muito perto de fazer isso e, se achasse que ajudaria, teria feito. No entanto, não faria sentido. Ele sabe o que quero e para onde estou indo. E o principal é que tenho a sensação de que precisarei de sua ajuda para entrar.

Pensando bem, é completamente possível que ele já tenha avisado aos mogadorianos que está a caminho com seu troféu — eu — a tiracolo.



— Última parada antes do Túnel Lincoln — o motorista anuncia, encostando o ônibus em um ponto. — Vinte minutos. Sugiro que estiquem as pernas e vão ao

toalete, pessoal. O trânsito no túnel costuma ser terrível.

Sinalizo que vou urinar. Rex se levanta comigo e, juntos, acompanhamos a maioria dos passageiros. A viagem seguiu tranquila até agora, o que é ótimo para mim. Chegaremos a Manhattan dentro de uma hora, talvez menos.

— Vou pegar mais uns biscoitos — Rex diz, taciturno, enquanto caminhamos pelo estacionamento.

Apenas aceno a cabeça. Ele assente em resposta e segue em direção ao grupo de máquinas de lanche.

No banheiro, tranco a porta e tento falar com Malcolm mais uma vez, rezando para que dessa vez ele atenda.

Nada ainda.

Assim que me permito pensar no pior, sinto minha mente como um enorme novelo de lã que se desenrosca rapidamente. Não consigo impedir as especulações: e se eles tiverem sido pegos fugindo de Dulce? Ou pior, e se tiverem sido atingidos pela explosão com todos os mogadorianos? E se eu tiver matado meu único amigo e seu filho, que fomos até lá para resgatar?

E se ele jamais encontrar a Garde? Ele é o único que pode me levar até eles. Se não estiver com a Garde, significa que eu não tenho esperanças de encontrá-los sozinho. Jamais.

Não, digo a mim mesmo. Malcolm é esperto e cauteloso. Provavelmente está tomando precauções em relação à comunicação. Se *estiver* com a Garde, não vai querer correr o risco de ter o celular rastreado, e sua localização, descoberta. Além do mais, não é como se estivesse esperando algum sinal meu. Até segunda ordem, estou morto.

Tudo isso faz perfeito sentido. Só não faz com que eu me sinta um pouco melhor.

Estou saindo do banheiro, alguns minutos depois, quando acontece: encontro a passagem bloqueada por dois sujeitos. Usam roupas idênticas: sobretudos escuros, chapéus escuros e óculos escuros. Ambos têm a pele pálida sob as roupas — um pouco pálida demais. Assim que meus olhos os encontram, ambos sorriem para mim, as bocas escancaradas em sorrisos que revelam dentes pontudos como os de tubarões.

Eu me viro no mesmo instante e tento me enfiar de volta na cabine. Talvez haja uma janela ou algo por onde eu possa escapar.

Não consigo chegar até lá. Eles me puxam pelo braço. Rex não está em lugar nenhum.

Os mogadorianos me encontraram.

CAPÍTULO

NOVE

— Levamos um tempo para encontrar você, Adamus — o sujeito da direita diz.

— Você quase conseguiu escapar.

— Quase — ecoa o da esquerda.

Ele tira as mãos dos bolsos. Já era de imaginar que carrega uma adaga em um e uma pistola em outro. Armamento padrão dos mensageiros mogadorianos.

Para minha sorte, o que carrego não é o padrão. Depois do choque inicial, fico mais resignado do que assustado. Andei procurando mogadorianos à minha volta durante todo esse tempo, e, de certa forma, é quase um alívio que eles estejam finalmente diante de mim. Ainda assim, há algo que preciso saber.

— Como me encontraram?

Eles apenas riem. Ao contrário de mim, de Rex e os demais naturais, a maioria dos mensageiros nasceu artificialmente, e a prova disso são os dentes pontiagudos como presas. O sorriso deles realmente parece o de um tubarão.

Não precisam me responder. Eu já sei: foi Rex. Só pode ter sido. Enquanto eu estava no banheiro, tentando ligar para Malcolm, ele chamou os grandalhões. Ele me traiu. E eu o odeio por isso.

Não estou com medo. Não estou triste. E, sem dúvida, não estou mais aliviado. Só sinto raiva.

Os nascidos artificialmente param de rir quando o chão sob seus pés se ondula para cima como água, derrubando-os.

O sujeito da esquerda deixa a pistola cair. Eu me jogo no chão, agarro a arma e atiro nele à queima-roupa. Poft. No instante em que ele vira cinzas, já estou mirando no segundo. Se Rex pensa que não sou um adversário à altura só porque não tenho o tamanho dele ou porque não tomo os preceitos estúpidos de biscoitinho da sorte de Setrákus Ra como regras incontestáveis, é bom pensar duas vezes.

Preciso sair daqui. Há muita gente para pouco espaço, e, se houver uma grande batalha aqui, não há como prever quantos inocentes vão sair feridos.

Antes que alguém me detenha, caminho em linha reta até a porta dos fundos e saio por ela com um baque, sem hesitar. Umas cem cabeças se viram para olhar para mim, mas eu não me importo.

Do lado de fora, me pego em um estacionamento ao ar livre, vazio, exceto por alguns caminhões abandonados. Procuro freneticamente um abrigo quando escuto o assobio agudo e inconfundível de um canhão mogadoriano sendo

preparado para atirar em algum ponto atrás de mim. Eu me jogo para o lado e bato com força no chão ao mesmo tempo que ouço o chiado da explosão passar por mim. Um buraco fumegante se forma na calçada exatamente no local onde eu estava.

Do chão, olho para cima e vejo quatro soldados mogadorianos marchando em minha direção, com rifles e canhões apontados para mim.

Pior para eles. Agora, me irritaram.

Sinto meu rosto enrugado de fúria, e meu corpo inteiro vibra ao enviar um tremor pelo chão. Os dois mogadorianos mais próximos de mim saem rolando como pinos de boliche. Na confusão, mergulho atrás de um dos caminhões e ganho um pouco de tempo enquanto os dois perseguidores que restaram se dividem para me procurar.

Depois de aproximadamente um minuto sem ouvir nada, dou uma espiada rápida por detrás do caminhão e vejo outro soldado vindo em minha direção. Está sozinho — muito fácil. Antes que perceba o ataque com minha pistola roubada, ele já era.

Cinco no chão, só resta um. Sem contar Rex.

Isso, é claro, presumindo que não haja outros.

Devo ter muita sorte. Ouço o som de mais passos se aproximando, cada vez mais alto. Estão vindo rapidamente.

Suponho que seria demais esperar que o Alto Comando enviasse apenas dois mensageiros e quatro soldados atrás de mim. Contudo, quando ponho a cabeça para fora da cabine novamente e vejo dezenas de mogadorianos surgindo com pistolas e canhões a postos por todos os cantos do estacionamento, devo admitir que parece um exagero. Talvez eu devesse me sentir lisonjeado. Não só por acharem que valho o esforço, mas também porque seja lá quem os enviou deve me considerar um adversário magnífico.

Agachado, dou uma espiada por debaixo do caminhão e vejo um mogadoriano avançar em minha direção, atirando em meu esconderijo para me manter próximo ao chão enquanto se aproxima. É pena que não esteja atento aos pneus. Atiro em sua perna e, quando ele cai, dou cabo dele com outro tiro em sua cabeça. Em seguida, fico de pé e examino a área.

— Areal! — grito.

Onde diabos ele está?

Aliás, onde está Rex? Não que eu queira mesmo saber.

A quina do prédio é cercada por mais soldados, e eu sinto um aperto no estômago. Eles se espalham à minha frente, para que eu não consiga derrubá-los todos de uma vez. Eu me agacho atrás do caminhão de novo, mas sei que não serei capaz de resistir nessa posição por muito tempo.

Será que tudo isso vale a pena?

Nunca odiei tanto minha própria raça quanto agora. No entanto, mais do que tudo, odeio Rex. Não porque ele me traiu. Não. Eu o odeio porque, antes de me trair, ele conquistou minha confiança.

Pelo menos, minha raiva serve para alguma coisa. Mantenho o foco e piso firme. Esse tremor é o maior de todos até agora. Sinto a corrente fluir de meu corpo como uma gigantesca onda que toma forma bem no centro de minhas costelas.

Alguns soldados tombam. Outros cambaleiam, mas continuam de pé. Um ou dois largam as armas.

Eu ranjo os dentes. Usar meu Legado está me exaurindo, e não sei mais quanto tempo conseguirei aguentar. Mas tenho que conseguir. Bato o pé mais uma vez.

Derrubo mais alguns, mas agora o restante está atirando em mim.

Tento descobrir o que fazer em seguida quando escuto um rugido feroz. De trás de meu escudo de caminhão, vejo uma forma grande e amarelada saltar por entre as árvores, agarrar um dos soldados pelo ombro e derrubá-lo no chão. Areal solta um urro e ataca mais uma vez, cerrando a imensa mandíbula bem no pescoço da presa, como uma armadilha. O grito do soldado vira um ganido e morre, e seu corpo se convulsiona até virar cinzas.

O leão, no entanto, já seguiu adiante. Ele ataca os soldados com facilidade. Os tiros não o detêm. Areal agarra e morde, sem se deter com nenhum inimigo por mais de uma fração de segundo antes de continuar.

Os mogadorianos que ainda restam de pé estão confusos — não esperavam por isso, e agora não sabem ao certo se devem atirar em mim ou em Areal, ou mesmo se é hora de bater em retirada.

Eu aproveito a confusão. Dois soldados recuam para bem perto de mim, e eu atiro em ambos antes que lembrem que também sou uma ameaça. Areal acaba com mais um. Vários deles se abrigaram na lateral da estrutura principal — destruir uma construção é um truque que treinei muito com Malcolm, e, embora isso me cause pontadas de dor na cabeça, desloco o teto com um tremor e o jogo em cima dos soldados, esmagando-os facilmente. Com isso, sobram apenas dois, que se afastam de mim e de Areal, atirando para mantê-lo a distância e indo em direção às árvores, onde deve haver uma nave à espera.

Se alcançarem a nave, estou frito.

Estou usando meu Legado muito além de tudo o que já tentei fazer no passado, e cada vez que provoco um novo tremor me sinto mais exausto. Minha visão começa a escurecer nos cantos, mas sei que não tenho escolha a não ser seguir em frente. Eu me concentro e envio um tremor a uma árvore grossa, da

mesma forma que fiz com a torre de observação da base de Dulce. Ela tomba com um rangido alto e esmaga um dos soldados sob seu tronco. O último mogadoriano apenas se vira e sai correndo, mas Areal parte para cima dele na mesma hora como um borrão de dentes e garras. Alguns segundos depois, volta trotando em minha direção, a boca coberta de cinzas. Não parece nada perturbado. Mas é o único.

— Obrigado — tento murmurar, sem forças, ao vê-lo perto de mim.

Então, tudo escurece.



Quando acordo, estou no banco do carona de um carro que segue a toda velocidade pela estrada. Ainda sinto a visão embaçada e a cabeça latejando. Quase não reconheço o céu de Nova York sobre o painel, em uma névoa abstrata de luzes. Não faço ideia de como cheguei até aqui nem para onde estou indo. Os acontecimentos das últimas horas pulam em minha cabeça como um milhão de bolinhas de pingue-pongue. Tudo está confuso e difícil de entender.

Com um gemido, olho para o banco do motorista. Atrás do volante está Rex. Mesmo em meu estado de confusão mental, agarro a maçaneta da porta. *Vou pular do carro aqui mesmo, penso. Prefiro ter uma morte instantânea na estrada a passar mais um segundo deixando esse sujeito pensar que confio nele.*

— Ei! — ele diz ao me ver tentando escapar. Antes que eu consiga abrir a porta, ele alcança o painel do carro e tranca todas as portas. Estou preso. — Fique calmo. Não sei o que aprontou no estacionamento, mas, seja lá o que tenha sido, acabou com suas energias.

— Onde é que você estava? — pergunto, sem querer ouvir mais nada. — Que diabos aconteceu lá?

Rex mal tira os olhos da estrada.

— O mesmo que aconteceu com você — responde calmamente, como se eu acabasse de pedir para ele lembrar a previsão do tempo para amanhã. — Os mogadorianos também me pegaram. Devem achar que estou do seu lado agora. Lutei, mas, na hora em que consegui me livrar deles e encontrar você, esse cara já estava mandando ver. — Ele aponta para um montinho no painel, que só então percebo que é Areal, em forma de lagarto. — Encontrei você desmaiado na calçada e Areal estava lá, praticamente sentado em cima de você, tomando conta como se fosse sua mãe ou algo assim. Quase não deixou que *eu* me aproximasse. Enfim, o que está feito está feito. Conseguimos fugir. Gostou do carro? Eu roubei.

Se ele espera que eu acredite nessa história, é um idiota. Quero dizer isso a

ele, mas, com a cabeça ainda rodando, só consigo soltar uma frase curta.

— Vá se danar, Rex — digo, e caio novamente na escuridão.

CAPÍTULO

DEZ

Quando recobro os sentidos, estou em outro estacionamento. Finalmente voltando ao normal. Mais ou menos.

Pela luz que entra no carro, já deve ser manhã. Rex baixou as janelas, e o ar tem um leve cheiro de maresia.

— Finalmente — ele diz ao me ver acordando. — Já estava começando a pensar que você tinha partido desta para a melhor.

Eu me sento. E olho para ele. Não acredito em como me sinto idiota. Sabia exatamente o que ele estava tramando o tempo todo e, ainda assim, eu o deixei sair impune.

— Você me traiu — retruco.

Ele apenas ri.

— Sabia que ia dizer isso. Meio engraçado, não é? Você traiu todo o seu povo e agora está bravo *comigo*?

Eu me preparo para acertá-lo com toda a força tectônica que restou, mas, assim que começo apenas a *pensar* nisso, me sinto prestes a desmaiar outra vez.

— Espera mesmo que eu acredite que não foi você quem convocou a máfia mogadoriana? Você some misteriosamente bem na hora que eles aparecem e, de alguma forma, só reaparece depois que consigo acabar com todos?

— Eu já falei. Eles também me atacaram.

— Aham. Está certo.

Sei que ele está mentindo descaradamente, mas, para ser sincero, não sei o que fazer a respeito. O que não entendo é por que ele está brincando comigo desse jeito. Se quisesse me matar, já teria conseguido. Poderia ter convocado mais mogadorianos.

Em vez disso, ainda estou vivo, livre, são e salvo, sentado no banco de um sedã roubado com Areal no colo, choramingando para mim.

Olho pela janela e vejo onde estamos. Tenho uma ideia, pelo menos. Estamos em algum lugar no meio da água. Uma sirene ressoa e, quando olho pela janela com os olhos semicerrados, vejo uma balsa surgir no meu campo de visão, arrastada pela água.

— Você queria chegar a Plum Island, não queria? — Rex diz, diante de meu olhar confuso. — Que outra forma temos de chegar lá, se não for de barco?

Ainda não acredito que ele não forneceu nossa localização aos mogadorianos. Por outro lado, isso não explica por que veio me resgatar, por que me ajudou a

fugir. Poderia simplesmente ter me deixado na parada do ônibus, à mercê dos mogadorianos, da polícia ou de quem quer que fosse. Preciso de um pouco de ar. Preciso sair deste carro. Rex não tenta me impedir quando abro a porta. Areal pula na calçada, eu o sigo.

Meia hora depois, Rex me encontra em um banco. Não sei mais o que fazer, por isso fico apenas sentado. Tentei ligar para Malcolm. Ninguém atendeu. Tentei imaginar Um em minha cabeça. Só visualizar seu rosto já teria ajudado. Mas não consegui. Até o golden retriever Areal havia cansado de tentar me animar e decidiu se deitar a meus pés.

— Não contei nada a eles — Rex diz. Está parado a alguns passos de distância, mas não tenta se aproximar. — Os mensageiros seguiram você por todo o trajeto. Perderam você de vista algumas vezes, e foram despistados por um tempo quando você decidiu pular no trem. Porém, mais cedo ou mais tarde, eles acabariam nos alcançando.

— E onde você estava nesse momento? — pergunto. — Nem venha me dizer que também atacaram você.

— A verdade?

— Aham. De uma vez por todas. A verdade.

Rex faz uma pausa.

— Eu me escondi — revela, enfim. — Talvez já tivessem me visto com você, mas não queria que me pegassem lutando para salvá-lo e pensassem que sou um traidor. Por isso, me escondi.

Examino seu rosto em busca de indícios de que esteja mentindo. Honestamente, não faço ideia. E não sei por que isso importa. Mas importa.

— Então você ia simplesmente deixar que me matassem?

Rex olha para o céu.

— Sim — ele responde. — Acho que ia. Se chegasse a esse ponto.

— Mas agora está me ajudando?

— Aham.

— Não entendo. Por quê?

— Não sei — Rex responde, arrastando os pés, nervoso. — Ainda acredito na causa mogadoriana. Ainda acredito nos princípios de Setrákus Ra. Quando chegar a hora de lutar, estarei lá, ao lado de meus irmãos, se ainda me permitirem. A guerra está no meu sangue. Mas, ainda assim, estou ajudando você. Não é obrigado a acreditar se não quiser. Não sou capaz de explicar isso nem a mim mesmo. Mas é a verdade.

Não respondo. Não sei o que dizer.

— Então, quer ir a Plum Island resgatar as Chimæras ou não? — ele enfim pergunta.

A balsa não segue até Plum Island. Não há razão para isso — os cidadãos comuns precisam de uma autorização especial até mesmo para pôr os pés na ilha. Isso elimina a chance de chegarmos lá às claras.

No entanto, em uma comunidade costeira como essa, a maioria das pessoas possui um barco, nem que seja um pequeno. Rex e eu passamos a tarde espionando garagens abandonadas até nos vermos conduzindo um pequeno bote a remo em direção ao porto. Nós o escondemos atrás das árvores de um parque próximo, até o sol cair e a última barca atracar. Então, aguardamos mais meia hora, só para garantir que ninguém nos veria, e arrastamos o bote até o fim do cais. De lá, é muito fácil virá-lo, jogá-lo na água, embarcar e começar a remar.

Enquanto eu passei a manhã desmaiado, Rex bolou um plano para nos colocar dentro das instalações. Sentado à minha frente no bote, ele me explica tudo. É tão simples que parece absurdo.

— Direi a eles que você é meu prisioneiro — ele conta. — Que segui você desde o Novo México até conseguir capturá-lo e trazê-lo para cá. Eles estão procurando você, certo? Se mandaram todos aqueles mensageiros atrás de você, é porque o consideram importante. Isso deve ter subido a cadeia de comando e chegado a Setrákus Ra. Se eu entregar você, não existe a menor chance de recusarem.

— Eles podem atirar em mim assim que me virem — retruco.

Rex contrai o rosto e sacode a cabeça. A distância, vejo umas luzes. Estamos nos aproximando.

— Que nada — ele diz. — Primeiro, vão querer saber como você destruiu Dulce. Diabos, eu mesmo estou querendo saber isso. — Um sorrisinho rápido surge em seu rosto. — Só vão atirar em você depois.

— Nossa, valeu! — Olho para Areal, que nos sobrevoa em forma de falcão. De vez em quando, se inclina para o lado, deslizando a ponta da asa pela água. — Não sabemos nada sobre quem está lá, nem como estão organizados, o que andaram ouvindo, o que...

Rex me interrompe.

— Dá para relaxar? Confie em mim, sei como as nossas forças armadas funcionam. Está tudo sob controle.

Se tivesse que fazer uma lista de todas as pessoas em quem confio, seria muito pequena, e Rex não estaria nela. Mesmo que eu confiasse nele, não estaria gostando desse plano. E se souberem que Rex esteve trabalhando comigo durante todo esse tempo? E se nos matarem antes mesmo de termos a chance de nos explicar? Estamos dependendo muito da sorte. E, depois de ontem, a sorte é uma

coisa que não está muito presente em minha vida.

Porém, antes que eu possa discutir, Areal aterrissa na beirada do bote. Ele bate as asas furiosamente e então assume a forma de um gato. Na mesma hora se transforma de novo, dessa vez em um lobo. É grande demais e quase faz o bote virar, mas agora está mudando tão depressa que começo a me confundir até mesmo em relação ao que *esperar* dele. E emite um som tão alto que sou obrigado a tapar os ouvidos. Algo entre um uivo e um sopro de trompete, trêmulo e profundo. Nunca ouvi nada assim.

— Areal — eu digo. — Qual o problema?

Estendo a mão para acariciá-lo, na esperança de que isso vá acalmá-lo. Seu corpo parece líquido, mas meu afago funciona; ele começa a se controlar outra vez. Quando assume a forma de lagarto, ele finalmente para. No entanto, ainda está agitado. Dispara pelo chão do barco frenético, inclinando a cabeça em todas as direções, fungando. É como se escutasse algo que Rex e eu não conseguimos. Quase como um chamado.

É muito estranho, mas não sei o que fazer a respeito. Agora a ilha está tão próxima que acho que consigo ver a entrada do porto. Rex puxa os remos para dentro.

— Está preparado? — ele pergunta.

Não estou nem um pouco preparado, mas assinto. Pelo menos Areal está quieto o bastante para entrar no bolso de meu moletom. Ainda o sinto ter espasmos de nervosismo lá dentro, mas parece estar voltando ao normal.

Rex sequer presta atenção ao quanto isso está me deixando desconfortável. Apenas começa a vasculhar os bolsos e puxa as tiras de plástico que comprou em uma loja de ferragens local enquanto aguardávamos o último serviço das barcas.

— Estenda os pulsos — ele instrui.

Cada fibra de bom senso que possuo me diz para não fazer isso. Permitir que um mogadoriano em quem eu mal confio me amarre e me conduza a uma fortaleza mogadoriana não parece o plano mais brilhante de todos, parece?

Estou certo de que vou cair em uma emboscada incrivelmente bem elaborada, e mesmo assim estendo as mãos. Já cheguei até aqui. O que mais posso fazer além de assumir o risco?

Em questão de segundos, Rex me amarra com destreza. É quase como se tivéssemos retornado à forma como tudo começou em Dulce: um guarda e um prisioneiro, mas dessa vez com os papéis invertidos.

Tomara que seja apenas encenação.

Estamos a alguns metros da costa quando somos engolidos pelo feixe ofuscante da luz de um holofote e ouvimos o chamado de uma voz estrondosa.

— Parem! Identifiquem-se!

Rex endireita a coluna.

— Rexus Saturnus, de Dulce — ele grita em resposta —, mais um prisioneiro!

Agarra minhas mãos e as levanta para que os guardas possam ver as amarras.

A pausa me faz suar, apesar da friagem trazida pelas ondas, mas enfim a voz responde:

— Prossigam.

Eles não se oferecem para vir nos pegar; em vez disso, permanecem protegidos e deixam Rex remar pelo restante do trajeto. Típicos mogadorianos.

— Não deveria haver soldados comuns aqui — eu sussurro —, em vez de mogadorianos?

— Antigamente era assim — Rex responde. — Mas nosso poder sobre o governo americano está cada vez maior. Logo, a Casa Branca também será governada por mogadorianos.

É um pensamento assustador — e que há alguns poucos anos teria me deixado extremamente empolgado.

Ao ouvir os brados dos mogadorianos, Areal rastejou para fora de meu bolso. E, antes que eu pudesse ao menos me despedir, ele se transformou em um beija-flor e saiu voando pela escuridão da noite.

Sei que foi melhor assim. Se vou acabar jogado em uma cela, não o quero preso comigo. Apesar disso, me sinto extremamente vulnerável sem ele.

A sensação se intensifica quando vejo o pelotão que nos aguarda no cais, as armas em riste. Eles esperam nosso pequeno bote atracar na madeira, se aproximam e nos puxam para cima.

— Quem é esse? — o oficial no comando pergunta, me encarando e me segurando com força pelo braço.

— Um traidor desprezível — Rex responde. — Adamus Sutekh, filho do General Andrakkus Sutekh.

Ele me dá um soco tão forte no estômago que eu me curvo para a frente, ofegante.

O capitão franze a testa para nós. Ele é um natural, é claro, mas os subalternos que o cercam são todos nascidos artificialmente, grandes, pálidos e tipicamente assustadores.

— Por que o trouxe até aqui? — o capitão pergunta um instante depois. — E o que exatamente aconteceu em Dulce? Perdemos toda a comunicação com a base. Enviamos alguns mensageiros, mas fomos informados de que o local havia sido completamente destruído.

— *Ele* aconteceu — Rex responde, apontando para mim. O capitão franze

ainda mais a testa, e Rex se apressa em explicar: — Eu estava alocado na base de Dulce. Esse traidor apareceu com um aliado humano e nos atacou. Eles explodiram a base. Fiquei desnorteado. Acordei a tempo de vê-lo escapar e segui o sujeito de Dulce até aqui. Quando tive a certeza de que este seria seu próximo alvo, eu o capturei e o trouxe para ser interrogado.

O capitão assente. É inacreditável que ele esteja caindo nessa conversa, mas está.

— Bom trabalho — diz. — Notificaremos o general para saber se ele deseja interrogar o filho pessoalmente. Enquanto isso, Rexus, você também será interrogado. — Ele faz um gesto para dois soldados. — Joguem o traidor em uma cela por ora, mas não se empolguem demais. Provavelmente o próprio general vai querer cuidar da punição.

Então leva Rex embora, enquanto os guardas me agarram e me conduzem em direção a um edifício grande e baixo, a menos de cem metros do porto. Droga. Não é nem no prédio principal. Isso vai dificultar muito as coisas. Quando sou jogado na cela, ainda estou tentando descobrir se Rex me entregou ou se tudo está saindo exatamente conforme o planejado.

CAPÍTULO

ONZE

Não sei quanto tempo se passou. Horas? Dias? Mas ninguém apareceu desde que aqueles guardas me jogaram aqui. Acho que estão acatando as ordens do comandante de me deixar sozinho até que meu pai venha me ver. Estou me amaldiçoando até agora por ter pensado que Rex estava de fato ao meu lado, por deixá-lo me enganar. Achei que podia confiar nele.

Então, ouço o clique da porta de minha cela. Está muito escuro para saber quem está lá, mas reconheço facilmente a voz de Rex.

— Desculpe a demora — ele diz. Então, algo me atinge na cabeça e no peito. Algo leve, flexível e um pouco áspero. — Vista isso!

São uma calça e uma jaqueta, tudo em padronagem militar convencional, e rapidamente faço o que ele manda.

— Por onde andou? — pergunto enquanto me troco.

— Eu precisava me certificar de que eles não desconfiariam de nada — Rex responde, segurando a porta da cela escancarada e acenando para eu segui-lo. — Também tive que descobrir onde estão mantendo as Chimæras. Tome.

Ele me entrega uma boina militar, que ponho também. Muito sagaz. Sou claramente um mogadoriano, mas meus cabelos compridos definitivamente não se enquadram no estilo dos soldados. Além do mais, a boina ajuda a esconder meu rosto, caso alguém venha a me reconhecer.

— Então? Onde elas estão? — pergunto, enquanto ele me leva para fora do prédio.

Fico surpreso por não haver nenhum guarda, até que vejo um montinho de cinzas em um canto e outro atrás de uma mesa, perto da entrada.

Fico um pouco surpreso de ver que Rex está disposto a matar para me tirar daqui. Surpreso, porém grato.

— Estão sendo mantidas no Centro de Moléstias — ele responde, abrindo a porta da frente da carceragem e dando uma espiada antes de acenar e me conduzir pelo caminho. — Mas não no anexo principal. Lá ficam basicamente os fuzileiros e os cientistas humanos. Existe outro prédio, um pouco mais afastado, ocupado quase inteiramente por nosso povo. É lá que elas estão.

Faz sentido. Ainda que esteja muito claro que o Alto Comando mantém um acordo com o governo dos Estados Unidos, eles não pretendem deixar nenhum humano próximo de nada que possa ser usado contra nós. E sem dúvida as Chimæras se encaixam nesse perfil.

— Como chegaremos lá? — pergunto.

Ele sorri quando chegamos à lateral da prisão e paramos diante de um jipe militar estacionado, já fora de uso. Rex só acende os faróis depois de passarmos pelo último prédio e de o porto desaparecer em meio às árvores.

Levamos somente alguns minutos para chegar ao Centro de Moléstias — são as vantagens de uma ilha com apenas alguns quilômetros de diâmetro. O prédio principal é enorme e parece um misto de laboratório de pesquisa e escola, mas com certeza há um prédio menor, parecido com um depósito, em algum lugar. Seguimos nessa direção. Há soldados mogadorianos montando guarda do lado de fora, mas eles cumprimentam Rex e chegam para o lado, abrindo passagem. Interessante.

— Essa é a principal base de operações da ilha — ele explica ao passarmos pelas portas e seguirmos por um corredor largo e mal-acabado, com piso de cimento. — Para entrar no local onde as Chimæras estão, vamos precisar de uma autorização de segurança, mas aqui fora não tem problema. — Isso é verdade, obviamente, mas não consigo evitar imaginar como conseguiremos passar por esses mesmos guardas na volta sem disparar os alarmes. Principalmente com sei lá quantas Chimæras a tiracolo. — Além do mais, tivemos sorte — Rex continua. Subimos um lance de escada, depois outro. — Elas estavam presas no porão, mas dois dias atrás soube que todas ficaram doidas. Destruíram completamente o lugar. Por isso, eles as trouxeram para cá até construírem celas reforçadas.

Dois dias atrás? Aposto que foi mais ou menos quando Areal começou a surtar no barco. Tudo isso deve estar conectado.

Por falar nisso...

— Você viu Areal? Sabe onde ele está?

— Por aí — Rex responde sem olhar para trás. — Ele me viu pegar o jipe. Ele sabe o que está fazendo. Na hora certa, vai encontrar você.

Balanço a cabeça devagar. Queria que Areal estivesse comigo neste momento, mas sei que Rex está certo. Até agora, Areal não me decepcionou.

Paramos no quarto andar e deixamos a escadaria. O teto aqui tem pelo menos uns quatro metros de altura, e maioria das paredes é coberta por gigantescas janelas cerradas por grades. Apesar do piso de concreto, da fachada de pedras robustas e das paredes interiores de metal encrespado, o local guarda uma energia suave e delicada.

E portas. Muitas e muitas portas.

— Elas estão aqui em algum lugar — Rex garante, abrindo a porta mais próxima e dando uma espiada; balança a cabeça e fecha novamente.

Abro mais uma, mas essa leva a um pequeno escritório. Felizmente, está vazio.

— Nada — digo.

A porta seguinte é uma despensa, o que também não ajuda muito. A que abrimos logo depois, no entanto, leva a um cômodo grande, que lembra uma sala de cirurgias. Há bandejas com instrumentos posicionadas em torno de uma grande cama cirúrgica. A sala também está vazia, o que considero uma coisa muito boa. Realmente não gostaria de interromper uma operação, sobretudo uma realizada por meu povo. Eles estão muito mais interessados em cortar os pacientes do que em consertá-los.

— Por aqui! — Rex chama, e vejo que ele está uma porta à minha frente, mas do outro lado do corredor.

Atravesso depressa para espiarmos o interior. Parece um grande canil, com gaiolas de ferro alinhadas na parede oposta. Será que encontramos?

— Feche a porta — sussurro, avançando para examinar as gaiolas e seus habitantes.

A primeira parece vazia, exceto por um tipo de gosma espalhada lá no fundo. Mas, quando chego um pouco mais perto, a gosma subitamente se ergue, assumindo a forma de um guaxinim ou talvez de uma doninha, magro e pequenino, de pelagem escura e espessa, focinho pontudo e olhinhos brilhantes.

Então, ele grita.

Nunca ouvi nada parecido. E espero jamais ouvir novamente. É um guincho alto e estridente, que faz meu corpo inteiro parecer um vidro prestes a estilhaçar. Dou um passo para trás, tropeçando, desequilibrado, e depois mais outro, até que o guincho para. A gosma sossega e escorre de volta para o fundo da gaiola. Rex e eu nos entreolhamos. Que diabo foi isso?

Seja lá o que tenha sido, não há nada que eu possa fazer para ajudar, sobretudo se o bicho for se esgoelar e me paralisar completamente toda vez que eu me aproximar.

A gaiola seguinte está vazia; no entanto, a julgar pelos jornais emporcalhados no fundo, não ficou assim por muito tempo.

A terceira gaiola contém um pássaro. Aproximadamente do tamanho de um papagaio, tem penas azuis que vão de um roxo tão intenso, quase negro, a um azul pálido e esbranquiçado, como o inverno. Porém, o pássaro não tem asas: no lugar delas, há dois cotocos suturados e enfaixados. A ave emite para mim um longo e solitário gorjeio, como um lamento, e o som deixa meus olhos cheios de lágrimas. Olho para Rex, mas ele parece igualmente horrorizado. Ou é um ator melhor do que imaginei ou não fazia a menor ideia do que encontraríamos.

— Essas são... Chimæras? — ele pergunta, a voz quieta e rouca.

— Não sei. Devem ser. — Balanço a cabeça. — Mas acho que nenhuma delas vai conseguir ir a algum lugar. Mesmo que abríssemos as gaiolas, como faríamos

para elas nos seguirem, principalmente sem arriscar seja lá quantas mais acharmos?

É horrível abandoná-las, mas acho que teremos que deixar essas duas aqui. Olho de relance para as outras gaiolas, mas estão todas vazias. Avisto uma segunda porta na parede ao lado e corro até ela, abro, entro rapidamente e quase dou de cara com dois mogadorianos parados diante de outra fileira de gaiolas. Um deles, baixo e magro, usa um jaleco. Sem dúvida é um cientista. O outro, ao contrário, é grande e robusto e usa uniforme militar. Os dois se voltam para mim quando irrompo pela sala, e o soldado imediatamente agarra a pistola em sua cintura. Maravilha.

— O quê? Quem... — o cientista começa a falar, mas eu o interrompo com um encontrão com toda a força.

Ele voa para trás e acerta o soldado, que tropeça e levanta as mãos em um impulso para segurar o colega. Um instante depois, ambos viram cinzas. Olho para trás e vejo Rex na entrada, de pistola em riste.

Foi ele quem fez aquilo. Da mesma forma como matou os mogadorianos que montavam guarda em minha cela.

— Por que... — começo a falar.

— Prometi que iria ajudar você e estou ajudando — ele responde. — Vamos deixar por isso mesmo. — Então, desvia os olhos de mim. — Bingo — sussurra.

Acompanho seu olhar para ver do que ele está falando. Pelo menos quatro das gaiolas daqui estão ocupadas. Não, cinco. E todas elas... Bem, a primeira tem um cachorro pequeno, a segunda, um porquinho, a terceira, um gato, a quarta, um guaxinim e a quinta, um pássaro de muitas cores vivas. Então pisco, e agora eles são uma coruja, um bode, um rato, um castor e um macaco. Então se transformam de novo e de novo, algo muito parecido com o que Areal fez aquela noite, mas de modo constante, passando de forma em forma tão rapidamente que fico tonto só de observar.

— Isso é normal? — Rex pergunta.

Ele soa tão surpreso quanto eu. As mutações ininterruptas são, no mínimo, perturbadoras.

— Não sei — admito. Então, noto uma prancheta no chão, próxima a meus pés. O cientista deve tê-la deixado cair. Ao pegá-la, vejo uma lista de tópicos com anotações ao lado. Observações como “100cc injetados, taxa de alteração aumentada em dez vezes” e “lobotomia efetuada, coesão danificada”. Sinto gosto de bile na garganta e preciso engolir algumas vezes antes de responder. — Não. Já estavam fazendo experimentos com elas.

A esta altura, não faço ideia de como essas criaturas sobreviventes podem ser úteis. Pensei que encontraria um monte de outras como Areal, mas em vez disso

tenho cinco animais em transmutação descontrolada. Ainda assim, não resta dúvida de que são Chimæras, e não perco mais nem um segundo ponderando. Avanço até as gaiolas e liberto uma por uma.

— Está tudo bem — asseguro, falando bem alto para que todas possam me ouvir ao mesmo tempo, mas não tanto a ponto de o som atravessar as paredes. — Viemos ajudar vocês.

Não sei se elas me compreendem, mas imagino que mal não faça. Por um instante nenhuma delas se move, e eu não as culpo. Não sei por quanto tempo ficaram aqui nem o que lhes foi feito, mas elas não têm motivo algum para confiar em um mogadoriano. E, pelo que eu sei, nem em humanos. A que retornou — por enquanto — à forma de macaco é a primeira a se encaminhar à porta aberta. Ela põe a cabeça para fora e grita para as outras, oscilando de forma em forma enquanto todas debandam do cativeiro. Um segundo depois, todas estão soltas, rastejando, balançando, trotando e tremulando para todos os lados.

— Muito bem — digo a Rex. — Está na hora de ir.

Quase como uma deixa, uma sirene começa a tocar. No corredor, luzes piscam acompanhando o som. Então uma voz irrompe pelos alto-falantes no teto:

— Atenção! Um prisioneiro acaba de escapar da cela. Adamus Sutekh foi visto pela última vez vestindo calças jeans e camisa preta. Tem um metro e cinquenta e cinco, porte pequeno e cabelos compridos. Está desarmado, mas é um traidor conhecido. Caso encontrado, deve ser detido. Se necessário, abrir fogo. O mesmo se aplica a quaisquer cúmplices.

— Pois é — Rex concorda, balançando a cabeça. — Definitivamente está na hora de ir.

CAPÍTULO

DOZE

Saímos correndo da sala e atravessamos o corredor em direção à escadaria, seguidos pelas Chimæras. Um instante antes que eu comece a descer, Rex aperta meu braço e me puxa para trás.

— Para baixo, não! — ele grita. — Eles começarão a vasculhar o prédio a partir do térreo e depois vão subir. Mas há um elevador nos fundos que só tem acesso aqui por cima. Se conseguir chegar até lá, pode sair por ele.

Assinto e deixo que ele me conduza, quase me arrastando pelas escadas até o quinto andar. Pela porta que encontramos, pintada de vermelho vivo e feita de algum tipo de aço pesado e super-resistente, presumo que chegamos a uma parte do edifício da qual eles desejam *mesmo* manter todos afastados. Com um grunhido, Rex dá um tranco na porta, e nós entramos.

O teto também é alto, mas não há divisões internas. Em vez disso, o que se vê é um grande aposento cheio de estações de computadores junto às paredes e um imenso mapa topográfico da costa leste no centro. Obviamente, estamos no centro de comando.

— Rápido, vá se esconder! — sussurro e me jogo por trás de uma das estações. Rex faz o mesmo.

Fico preocupado com o que as Chimæras vão fazer, mas todas ficam comigo e, mesmo que continuem se transformando sem parar, assumem a forma de criaturas menores: ratinhos, lagartos e libélulas.

Dou uma espiada e vejo alguns mogadorianos aqui, digitando diante de monitores ou fazendo marcações em telas transparentes suspensas. Outros estão reunidos em pequenos grupos, discutindo algo em voz baixa. Ninguém nos notou ainda, tampouco estão se mobilizando para caçar um fugitivo. Acho que o trabalho é mais importante. No entanto, nossa sorte não vai durar muito.

E — mais um problema —, além das escadas por onde subimos, não vejo nenhuma outra forma de sairmos daqui. Talvez esse não tenha sido o melhor plano de Rex.

Ouçó o som de mais uma sirene e me encolho, imaginando que a hora enfim chegou. Eles me pegaram e convocaram guardas para nos cercar e dominar. Mesmo que eu ponha o prédio inteiro abaixo, como fiz com a base de Dulce, ainda ficarei preso. E nós estamos cinco andares acima do térreo. Se o prédio desabar, a queda será bem maior.

No entanto, essa sirene é diferente: é mais um brado do que um guincho.

Quando uma voz se pronuncia por cima do som, não é para dizer o que eu esperava.

— Atenção, todas as unidades — anuncia o locutor, com a fala rápida, porém clara. — Reúnam-se imediatamente. Garde localizado. Ataque em larga escala prestes a ser iniciado. Repetindo: todas as unidades devem se reunir imediatamente. Ataque em larga escala prestes a ser iniciado.

A Garde foi encontrada? Ataque em larga escala? Olho para Rex, cujo próprio olhar dispara em todas as direções. Parece preocupado, mas também empolgado, com o mesmo brilho nos olhos de quando saltamos no trem. Ele foca a atenção em algo. Sigo seu olhar até um oficial mogadoriano inclinado diante de um painel. A tela mostra alguma coisa — agora percebo que todas exibem a mesma imagem —, e eu me levanto um pouco e me esgueiro para enxergar melhor. É um mapa, mas não me é familiar. Há um lago, e não um oceano. Não é Nova York. Os outros na sala correm de um lado para outro, falam apressados em rádios comunicadores ou disparam em direção à escada, mas esse sujeito continua em sua mesa. E se ele se virar e me vir? Eu aparentemente caí de posição na lista de prioridades, mas não tenho dúvida de que ele ainda vai querer me pegar se descobrir quem eu sou. Mas tenho que correr o risco. Se esse for o local onde a Garde está escondida, é possível que Malcolm também esteja lá.

Dou mais uns passos para a frente e agora consigo enxergar mais detalhes, inclusive nomes de lugares. Shedd Aquarium, Water Tower Place, North Lake Shore Drive, Lago Michigan — é Chicago. Eles estão em Chicago. E o prédio exatamente no centro da tela é o John Hancock Center. Deve ser o refúgio da Garde.

Assim que me dou conta disso, o mogadoriano sentado se vira. E me vê.

— Ei — ele começa a falar e a se levantar da cadeira.

Parece confuso, como se soubesse que eu não deveria estar ali, mas ainda não tivesse percebido muito bem que sou o fugitivo. Então, ele repara algo em meu ombro e arregala os olhos. Pelo canto do olho, vejo uma borboleta pousada. E, um segundo depois, é um beija-flor, depois uma abelha. Droga. Acabou de perceber quem eu sou.

Neste momento, estamos a poucos passos de distância um do outro. Eu me aproximo rapidamente e acerto o punho com toda a força que tenho na boca do sujeito. Ele revira os olhos e cai de volta na cadeira. Com uma rápida espiada pela sala, confirmo que ninguém mais percebeu.

Acho que, no fim das contas, todos esses anos boxeando com Ivan valeram de alguma coisa.

— Você tem que sair daqui — Rex dispara, aproximando-se de mim e me

agarrando pelo braço. — Agora, enquanto todos estão correndo para entrar em ação.

Balanço a cabeça e, em seguida, paro.

— *Eu* tenho que sair daqui?

Ele olha para baixo, depois desvia o olhar.

— Escuta — começa a falar —, você salvou minha vida. Tenho essa dívida. E não traí você. Nem vou trair. — Dá de ombros — Não sou como você. Já disse isso. Só estava mantendo minha promessa. Acho que teve suas razões para fazer o que fez, e talvez faça algum sentido para você. Mas para mim não faz. Pertencço a este lugar. Isso aqui é o que sou.

É óbvio que não há como fazê-lo mudar de ideia. E ele *não* é como eu sou. Até onde sei, nenhum outro mogadoriano é. Ele acredita em tudo o que nos ensinaram sobre sermos uma raça superior e termos o direito de governar, controlar e destruir. Talvez o tempo que passamos juntos possa gerar nele um pouco mais de gratidão, mas, em essência, ele ainda é um soldado leal. E acho que mais cedo ou mais tarde acabaria me entregando. Nossas crenças são simplesmente diferentes demais.

Então, apenas concordo e estendo a mão. Ele a aperta, me dá um tapinha nas costas e um sorriso rápido.

— Mande minhas lembranças a Areal — ele diz, já se virando em direção às escadas.

Então se vai. Se tiver sorte, ninguém jamais saberá que me ajudou. Espero de verdade que aconteça isso.

Fico sozinho no centro de comando com um bando de Chimæras ensandecidas — além de um monte de oficiais mogadorianos que estão começando a perceber o fugitivo e seu estranho grupo de animais entre eles.

— É o traidor! — um deles grita, quebrando o silêncio estupefato da descoberta. — Peguem-no!

Ele corre em minha direção com alguns outros. É quando irrompe uma gigantesca coruja branca, estilhaçando o vidro da janela.

É Areal. Cacos de vidro voam para todos os cantos, e antes mesmo de pousar ele já mudou de forma. Aterrissa bloqueando a passagem entre mim e os mogadorianos. É um lobo de novo, exatamente como da primeira vez em que o vi.

Dessa vez, no entanto, solta um uivo gutural, quase primitivo. O primeiro guarda é destroçado antes mesmo de se desintegrar. Diante disso, os outros fazem algo que jamais vi um mogadoriano fazer: correm.

CAPÍTULO

TREZE

Muitas horas depois, sigo a toda velocidade pela rodovia rumo a Chicago em um carro roubado lotado de Chimæras. As criaturas enfim estabilizaram suas formas, e a maioria conseguiu sossegar.

Ainda assim, é a viagem de carro mais estranha que já fiz. Para não dizer a mais fedorenta.

Estou dirigindo bem depressa. Estou quase chegando à fronteira com Illinois quando, depois da quinta tentativa, Malcolm atende o telefone.

— Malcolm! — grito na mesma hora, jogando o telefone para a outra mão enquanto o semáforo fica verde, e eu atravesso o cruzamento. — Onde você esteve?!

Mas a voz do outro lado da linha não é a dele.

— Aqui é Sam. — Ele faz uma pausa. — Adam, é você?

— Sam? — Paro por um instante. Não fomos exatamente apresentados, e estou um pouco estressado agora. Então, me recordo. — Sam! Onde está seu pai?

— Ele está...

— Deixe pra lá, não importa! — Eu passo o telefone para a outra mão, para dirigir direito. — Ouça, Sam. Você está em Chicago, não é? No John Hancock Center?

Posso ouvi-lo ofegar de surpresa.

— Como... como você soube disso?

— Eles sabem, Sam! — Não queria, mas sei que estou gritando. — Eles sabem e estão indo atrás de vocês!

Quando dou uma guinada para a outra pista e um carro que vem na direção oposta buzina, sou forçado a largar o telefone no banco do carona e me concentrar na direção. Eles já foram avisados. Isso é tudo o que posso fazer por enquanto. Só espero que me deem ouvidos e estejam preparados. Eles só precisam resistir um pouco mais. Dou uma olhada no banco traseiro. Areal assumiu novamente a forma de um gato e está enrolado junto a seus companheiros resgatados. Olha para cima, e seus olhos dourados encontram os meus, negros; ele solta um leve rosnado. Mas eu sei que esse aviso não é para mim. É para os que fizeram isso com as outras Chimæras.

Por favor, Malcolm, aguento firme, eu rezo enquanto piso no acelerador e o carro dá uma guinada para a frente, correndo pela noite. Estou chegando. E estou trazendo comigo a cavalaria.

Espero que Um, onde quer que esteja agora, saiba o que fiz. O que estou fazendo. Gostaria de pensar que ela sabe e que ainda há uma parte dela por aí, em algum lugar.

Não. Um se foi. Enfim, aceito a verdade: se ela permanece viva de algum modo, não é porque virou um fantasma ou uma marca remanescente em meu corpo. Tudo o que restou dela é o que guardei na memória. As coisas que ela me contou; a maneira como me ensinou a viver.

Ela não vai voltar. Não preciso que ela volte. Sei que está orgulhosa de mim, porque eu estou orgulhoso de mim mesmo.

Porque ela está em minhas lembranças.

Sobre o autor

© Howard Huang



Pittacus Lore é o Ancião a quem foi confiada a história dos nove lorientos. Passou os últimos doze anos na Terra, preparando-se para a guerra que decidirá o destino do planeta. Seu paradeiro é desconhecido.

www.serieoslegadosdelorien.com.br

Conheça os livros da série

OS LEGADOS DE LORIEN



Eu sou o Número Quatro



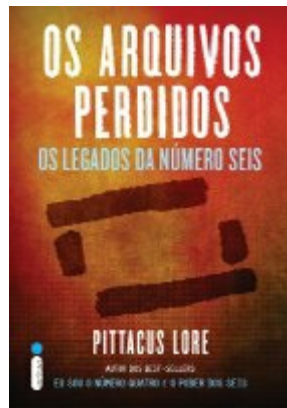
O poder dos seis



A ascensão dos nove



A queda dos cinco



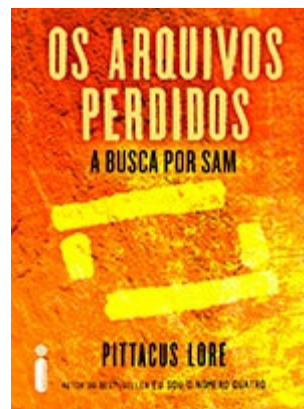
Os arquivos perdidos:
Os Legados
da Número Seis



Os arquivos perdidos:
Os Legados
do Número Nove



Os arquivos perdidos:
Os Legados
dos mortos



Os arquivos perdidos:
A busca
por Sam



Os arquivos perdidos:
Os últimos dias de Lorien